



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



NO 1

JANEIRO - FEVEREIRO DE 1954

Walter Schubert, Secretário da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana.



Walter E. Murray, Presidente da Divisão Sul-Americana.



Rafael de A. Butler, Redator-Associado de "O Ministério".



Margarida Deak, Secretária da Divisão Sul-Americana.



Luiz Waldvogel, Redator de "O Ministério".



BIBLIOTECA CENTRO WHITE

63456

Cristo - o Centro de Nossa Pregação

(Conselhos do Espírito de Profecia)

CRISTO crucificado - falai, orai, cantai a Seu respeito, e os corações serão confortados e conquistados. As frases formais, frias, a apresentação de temas meramente plenos de argumentos, farão muito pouco bem. O amor de Deus no coração dos obreiros será reconhecido por aqueles com os quais trabalham. As almas estão sedentas da água da vida. Não permitais que saiam de vós vazias. Revelai-lhes o amor que Cristo tem por elas. Guiai-as a Jesus, e Ele lhes dará o pão da vida e a água da salvação." - Review and Herald, 2 de junho, 1903.

"Muitos apresentam as doutrinas e teorias de nossa fé, mas sua apresentação assemelha-se ao sal insípido, porque o Espírito Santo não opera em seu ministério carente de fé. Não abriam o coração para receber a graça de Cristo, não conhecem a operação do Espírito, são como comida sem levedura, porque necessitam do princípio que atua em todo o seu trabalho e não têm êxito em ganhar almas para Cristo. Não se apropriam da justiça de Cristo, a qual lhes é um manto desconhecido, uma plenitude ignorada, uma fonte que não tem sido tocada." (Grifo nosso).

"Quanto maior poder acompanharia hoje a pregação da palavra se os homens se estendessem menos nas teorias e argumentos humanos e muito mais nas lições de Cristo e numa piedade prática." - Idem, 9 de janeiro, 1890.

"Colocai na obra vossas melhores energias, e não permitais que transpareça em qualquer de vossos esforços a mais leve sombra de imperfeição. . . . Qualquer coisa, menos discursos doentios." - Carta, 48, de 1886.

"A eficácia do sangue de Cristo deve ser apresentada perante o povo com desembaraço e poder, para que sua fé se apodere dos méritos divinos." - Testimonies to Ministers, pág. 92.

"Quanto mais claramente discirnam os ministros a Cristo e se apropriam de Seu espírito, tanto mais enérgica será sua pregação da singela verdade da qual Cristo é o centro." - Review and Herald, 24 de março, 1896.

"Nossas doutrinas podem ser corretas, podemos manifestar nossa aversão pela doutrina falsa, e não receber aqueles que não são fiéis aos princípios; poderemos trabalhar com incansável esforço, mas ainda isso não será suficiente. . . . A crença na teoria da verdade não é suficiente. O apresentar essa teoria

aos descrentes não constitui um testemunho de Cristo." - Idem, 3 de fevereiro, 1891.

"É possível ser crente formal, parcial, e contudo ser achado em falta e perder a vida eterna. É possível pôr em prática alguns dos mandamentos bíblicos, ser considerado cristão, e contudo perecer pela falta das qualidades essenciais que constituem o caráter cristão." - Idem, 11 de janeiro, 1887.

"Sei que nossas igrejas morrem por falta de ensinamento acêrca da justiça pela fé e outras verdades." - Obreiros Evangélicos.

"Sem uma fé viva em Cristo como Salvador pessoal, é impossível fazer sentir vossa fé a um mundo cético. Se quereis arrebatat pecadores da impetuosa corrente, vossos próprios pés não se devem achar em lugar escorregadio.

"Precisamos constantemente de nova revelação de Cristo, uma experiência diária que esteja em harmonia com os Seus ensinamentos. Altas e santas consecuições se acham a nosso alcance. Um progresso contínuo em conhecimento e virtude, eis o desígnio de Deus a nosso respeito. Sua lei é o eco de Sua própria voz, a todos fazendo o convite: 'Subi mais alto; sede santos, mais santos.' Podemos avançar cada dia na perfeição do caráter cristão.

"Os que se acham ocupados no serviço do Mestre, necessitam de uma experiência muito mais elevada, profunda e vasta do que muitos já pensaram em obter. Muitos dos que já são membros da grande família de Deus, pouco sabem do que significa contemplar Sua glória, e ser transformados de glória em glória. Muitos possuem uma crepuscular percepção da excelência de Cristo, e o coração lhes freme de alegria. Anseiam por uma compreensão mais plena e profunda do Salvador. Nutram êles todo desejo da alma em busca de Deus.

"O Espírito Santo opera nos que querem ser trabalhados, molda os que querem ser moldados, talha os que querem ser talhados. Cultivai os pensamentos espirituais e as santas comunhões. Não tendes visto senão os primeiros raios do alvorecer de Sua glória. A medida que prosseguirdes em conhecer ao Senhor, sabereis que 'a verdade dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito. Prov. 4:18.'" - Obreiros Evangélicos, págs. 270 e 271.

(Continua na página 10)



Órgão publicado pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Lulz Waldvogel
 Redator associado — Rafael de A. Butler
 Colaboradores especiais
 Walter E. Murray, Walter Schubert



ANO I

N.º 1

CONTEÚDO

Cristo — o Centro de Nossa Pregação	2
ILUSTRAÇÕES	3
DE CORAÇÃO A CORAÇÃO	4
ARTIGOS GERAIS	
Os Descobrimientos Modernos Confirmam a Bíblia	5
1954, Ano de Grandes Oportunidades para os Ganhadores de Almas	9
Conjugação de Esforços na Vida (Cap. II) Abandonando a Inquietação e a Ansiedade	11
EVANGELISMO	
Uma Grande Súplica	13
Aho Alternativo de Batismo para 1954	14
Resoluções Sobre Evangelismo em 1954	14
Timidez e Presunção	15
OBRA PASTORAL	
O Cuidado dos Recém-Batizados	16
CAIXA DE PERGUNTAS	
O Ministério da Morte	17
Expição pelo Pecado	18
NOTAS E NOTÍCIAS	
O Curso de Leitura Ministerial	20
O Tempo	20
Zelo Religioso	20
A Controvérsia	20
Os Papas e a Pobreza	20
O Custo da Catedral de São Paulo	10

ILUSTRAÇÕES

Deus Infinitamente Cuidadoso

Jó 38:22

O PROFESSOR W. A. Bentley tem fotografado milhares de flocos de neve, porém jamais encontrou dois iguais.

Depois de quarenta anos de estudos, acredita êle que nunca foram formados dois flocos idênticos, ainda que os ângulos de cristalização de seus filamentos sejam de 60 ou 120 graus; não existe nada feito "mais ou menos" por Deus; nem dois flocos de neve, nem dois rostos são iguais; Êle chama a cada um pelo nome; até os nossos cabelos são contados. — *Relatório Homilético.*

Com Vergonha de Voltar para o Lar

Os filhos são o tesouro mais precioso dos pais. Os anelos do coração de um pai também são bem ilustrados por Charles F. Brown, numa história narrada a êle por seu colega, que morava em Nova York.

Conhecia um homem que, em sua meninice, ficou cansado de estar em casa, e portanto fugiu. Tornou-se marinheiro e, por dez anos, trabalhou nos navios, ficando grosseiro, rude e bruto. Nunca, durante todo êsse tempo, escreveu uma carta para casa. Pensou em que em sua casa já o teriam por morto. Finalmente seu desejo de voltar ao lar tornou-se tão grande, que decidiu realizá-lo.

Entrou no pôrto, tomou um pequeno barco e remou em direção ao lar. Sobreveio-lhe a idéia de que talvez todos estivessem mortos. Tinha vergonha de ser visto durante o dia, e, portanto, esperou até à noite. Então remou em direção de casa, mas viu uma luz, e alguém que se movia na praia. Não desejava encontrar estranhos, e por isso se retirou outra vez. Voltou às dez, mas a luz continuava no mesmo lugar. Retirou-se outra vez e esperou até às onze, mas a luz estava ali ainda, e alguém estava andando pela praia. Aproximou-se do lugar, e eis que seu pai, de barba branca, olhos melancólicos, coração quebrantado, ali estava. Noite após noite, durante dez anos havia colocado uma lanterna para guiar e receber a seu filho que voltaria ao lar paterno.

Deus é assim. É um pai, e nenhum filho jamais será esquecido por Sua mente infinita, e dos propósitos inumeráveis de Seu coração amante.

Deus

CÔNEGO SMITH

UM MENINO muito piedoso vivia junto de um idólatra a quem, muita vèzes, dizia:

— Não há senão um só Deus poderoso; Êle é quem faz brilhar o Sol e cair a chuva; conhece tôdas as nossas ações e todos os nossos pensamentos, e presta ouvidos às nossas súplicas. Só Êle tem o poder de nos punir e de nos recompensar.

(Continua na página 20)



Ao Serviço de Um Melhor Ministério

QUE bênção divina é ter parte direta nos vários ramos da obra que, sobre o mar de vidro, logo celebrará o seu triunfo!

Com o fim de conseguir um ministério adventista mais piedoso, consagrado e ativo, animar a obra evangélica, aperfeiçoar a obra pastoral, revigorar os vários departamentos e instituições da obra, a Divisão Sul-Americana acaba de dar nova roupagem a "O Pregador Adventista" bem como o novo nome de "O Ministério Adventista".

Esta nova revista produzirá maiores bênçãos, mais inspiração e auxílio ao sugerir métodos de trabalho que contribuam para produzir o "forte clamor" que apressará o grande dia de nossa esperança: a segunda vinda de Cristo em glória e majestade.

"O Ministério Adventista" especializar-se-á em fomentar a quántupla maneira de evangelizar o Brasil, ou seja: 1, Evangelismo público em seus diversos aspectos; 2, evangelismo leigo, porque a obra que nos foi confiada nunca será terminada sem que os membros das igrejas unam suas forças à dos pastores e evangelistas; 3, evangelismo por meio da página impressa, o mais poderoso e indispensável auxiliar dos evangelistas, pastores, colportores e membros leigos; 4, evangelismo por meio da instrução em nossas escolas, e colégios, cujos professores trabalham para o fim supremo da salvação das crianças e da preparação dos jovens para a obra de Deus; e 5, evangelismo médico, o braço direito da obra evangélica, que ajudará muitas almas a encontrarem o caminho da salvação.

Quanto mais amemos a verdade, os que trabalham nalgum destes cinco setores de evangelismo, tanto mais desejaremos aperfeiçoar a nossa maneira de transmiti-lo. Leiamos o que, a esse respeito, nos diz a serva do Senhor: "Quanto maior é a influência que sobre nós exerce a verdade, tanto maior será o nosso fervor para alcançar a perfeição em nossa maneira de transmiti-la. O Senhor requer de todos os que se empenham em Seu serviço, que alcancem todos os benefícios que Ele lhes pôs ao alcance. A circunstância de possuímos a verdade é-nos de importância infinita. Que importância tem, então, que a mesma nada perca do seu poder, ao passar de nós para os que estão em trevas!". — E. G. White, em *Review and Herald*, de 14 de janeiro de 1902.

Além disso, "O Ministério Adventista" quer contribuir para que haja melhores pregadores que manejem bem a Palavra da verdade. Não é possível

pregar sem revelar aos ouvintes o muito ou o pouco que se sabe de Deus e da natureza humana. Disse Santo Agostinho: "O que vivo, isso reparto", e assim temos que fazer também nós.

"O Ministério Adventista" trará artigos cheios de sugestões, que contribuirão para tornar mais eficiente o trabalho dos abnegados pastores em favor das ovelhas do seu redil.

Em poucas palavras, nossa nova revista de evangelismo servirá aos nobres interesses do território de língua portuguesa de nossa Divisão na obra evangelizadora, médica, educativa e também na obra de ganhar para Cristo a juventude. Também abordará os problemas do lar dos obreiros, deixado para a igreja e o mundo, bem como tratará doutros tópicos de interesse que servirão de inspiração e orientação na consecução da breve vitória da triplice mensagem.

Queridos obreiros, lutemos, dirigidos pelo Espírito Santo e cheios de amor às almas, com sabedoria e energia inquebrantáveis, para, durante o período de 1.º de janeiro a 15 de maio de 1954, ganhar duas mil almas — alvo da Divisão Sul-Americana — como nossa contribuição para o alvo mundial de 35.000 almas batizadas durante esse período, em homenagem a Deus e para estímulo dos delegados à Assembléia Mundial da Associação Geral, que iniciará suas sessões no dia 24 de maio próximo, em São Francisco da Califórnia. O fim único visado com esse alvo é apressar a segunda vinda de Cristo. Oxalá cada campo, na medida das suas possibilidades, busque atingir esse nobre objetivo!

Para terminar, os funcionários da redação de "O Ministério Adventista" desejam a todos os obreiros um feliz e abençoado ano novo, e grande colheita de almas resgatadas do lamaçal do pecado, em 1954.

WALTER SCHUBERT

A Maior Aspiração

É UM sentimento natural e comum aspirar o indivíduo a certa posição em sua carreira ou profissão.

Um jovem cadete, por exemplo, ao ingressar na tropa, como aspirante, não tem apenas o alvo de conquistar a primeira estrela prateada de segundo tenente; ele tem as vistas voltadas para o posto supremo, deseja chegar a general.

Em nosso meio como igreja, um jovem, ao começar a trabalhar como simples obreiro bíblico, tem a atenção voltada para o dia em que o hão de recomendar à ordenação. É possível — e isto é comum se dar — que assista a muitas cerimônias de consagração e se veja como que transportado àquele dia — talvez ainda longínquo — em que ouça o seu nome ser proferido na ordenação.

Em aí chegando, galgando tal posição na Obra de Deus, gozando todos os privilégios e regalias de ministro ordenado, terá chegado às culminâncias de suas aspirações como obreiro. Esse é o grau máximo que lhe oferece a Igreja Adventista. É uma honra ser ministro do Evangelho; é um título solene e que deve ser zelado com carinho e cercado de imaculabilidade. Uma vez ministro, ministro sempre, por

(Continua na página 19)

O MINISTÉRIO ADVENTISTA

ARTIGOS GERAIS

Os Descobrimentos Modernos Confirmam a Bíblia

SIEGFRIED H. HORN

O Período Pós-Exílio

A MAIORIA dos problemas relacionados com o período pós-exílico são de natureza secundária, tal como o são os descobrimentos arqueológicos que lançam luz sobre o período da volta de Judá do exílio, e sua restauração. Os seguintes descobrimentos poderão parecer insignificantes em si mesmos, mas cada um deles desfaz os argumentos dos críticos eruditos à autenticidade das Escrituras e apolou declarações da Bíblia, aparentemente anacrônicas ou fictícias.

O uso da dracma como unidade monetária no tempo de Ciro, conforme está declarado em Esdras 2:69, foi sempre de difícil explicação. Haviam dito os historiadores que essa palavra "dracma" não poderia senão referir-se a "dareikos", uma moeda de ouro introduzida por Dario I. A ser correta essa explicação das "dracmas" de Esdras 2:69, teríamos que admitir que o autor do livro de Esdras estava mal-informado acerca do tempo de Ciro, e atribuiu aos judeus o uso de um sistema monetário ainda não existente em seu tempo. Este problema, que para alguns se afigura pequeno, foi considerado sério pelos que criam que o livro de Esdras apresenta fatos e não histórias fictícias. A dificuldade ficou solvida em anos recentes. Em 1931, W. F. Albright e O. R. Sellars escavaram a antiga cidade de Bet-zur, na Palestina, verificando que as moedas de prata greças, chamadas dracmas áticas, haviam sido usadas na Palestina no começo do período (1) persa (59), fato que ninguém admitiria antes desse descobrimento. Uma vez mais, pequeno pormenor da narrativa bíblica provou-se correto.

Houve estudiosos que desejaram atacar o valor histórico do livro de Ester. Mesmo muitos fundamentalistas não estavam seguros de que esse livro relatava fatos realmente históricos. Ainda não é possível provar a historicidade do livro de Ester, mas é um fato que as escavações de Susã (a Susã bíblica), tem mostrado que o autor do livro de Ester precisaria estar muito bem familiarizado com o palácio de Susã, bem como os costumes e etiquetas da corte persa, uma vez que as condições descritas em Ester concordam da maneira mais notável com os resultados de recentes investigações arqueológicas. Alguns estudiosos têm-se sentido muito impressionados com este fato e admitem que apenas alguém que estivesse intimamente familiarizado com o palácio real poderia ter escrito a história de maneira tão acurada.

A história faz sentir que, posteriormente, (2) os judeus que viveram durante a última parte do reinado de Xerxes I receberam tratamento favorável dos persas. Esta conclusão que se tira do livro de Ester é sustentada por um arquivo comercial encontrado faz muitos anos em Nipur, pela expedição da Universidade de Pensilvânia. A grande casa comercial de Murashu & Filhos de Nipur, era uma associação de banqueiros, corretores de imóveis, de fundos e industriais. Seu arquivo com milhares de documentos que cobrem o tempo que vai de Artaxerxes I a Dario II foram preservados. Esses documentos comerciais contêm numerosos nomes judeus que haviam estado relacionados com esta famosa casa da baixa Mesopotâmia. Encontramos esses judeus como fornecedores de grandes somas em empréstimo, como senhores de grandes possessões, homens de negócios cujo comércio envolvia grandes somas de dinheiro, coletores e governadores de distritos. (3) Esses documentos mostram claramente que os judeus do tempo de Artaxerxes tinham enriquecido e alcançado dos persas muitos favo-

res, o que implica em que alguma coisa anteriormente acontecera para que lograssem alcançar esta favorável posição no país de seu anterior exílio. Explica ao mesmo tempo por que Esdras encontrou entre os judeus que viviam na Mesopotâmia pouco entusiasmo para retornarem a sua velha pátria arruinada pátria. Dessa maneira a história de Ester indiretamente mostra-se correta.

O sustentáculo mais importante, porém, para a historicidade do livro de Ester, é o recente descobrimento de um ladrilho com inscrição cuneiforme, no museu de Berlim, durante a última guerra. O prof. A. Ungnad, estudando os ladrilhos do museu de Berlim, encontrou um texto que menciona certo homem pelo nome de Mardoqueu, tradução babilônica de Mardoqueu, como um dos mais elevados dignitários de Susã durante o reinado de Xerxes. Seu título, Sipir, indica que era conselheiro influente. O professor Albright, que me chamou a atenção para esse descobrimento em 1948, disse nessa ocasião que jamais crera na historicidade do livro de Ester, mais esse descobrimento o convenceu de que a historicidade do conteúdo deve subentender a historicidade do livro. (4) Se a história fosse fictícia, como poderíamos encontrar um homem em posição influente, com o mesmo nome que a Bíblia dá a Mardoqueu, na mesma cidade de Susã e na mesma época em que, segundo a Bíblia, ele teria vivido?

Não há prova no relato bíblico, nem em fontes externas, de que qualquer outro judeu que não o indivíduo mencionado no livro de Ester fosse conhecido pelo nome de Mardoqueu ao tempo de Xerxes (486-465 A. C.). Quando este homem se tornou "grande para com os judeus e agradável para com a multidão de seus irmãos" no império persa (Ester 10:3), seu nome tornou-se popular nos círculos judaicos, e muitos pais deram a seus filhos o nome de Mardoqueu. Os documentos da casa comercial Murashu & Filhos, do tempo de Artaxerxes I (465-424 A. C.) contêm sessenta e um nomes de judeus. É extremamente interessante que embora sessenta e um nomes se referiram cada um a um indivíduo somente, seis diferentes judeus têm o nome de Mardoqueu. (5) Aparentemente todos nasceram pouco tempo após os eventos relatados no livro de Ester. Pouco mais tarde o nome caiu em desuso, o que se pode inferir do fato de entre os quarenta e seis nomes de judeus mencionados nos documentos da mesma firma ao tempo de Dario II (424-405 A. C.), não aparecer o nome Mardoqueu. (6) Muitas conclusões mais se poderiam tirar desses documentos comerciais, porém as poucas observações aqui feitas bastam para mostrar quantas provas diretas e indiretas temos de um dos livros da Bíblia mais acaloradamente contestados.

Os primeiros dois capítulos de Neemias nos levam à conclusão de que os judeus usavam seu próprio calendário. Conquanto aceitassem os nomes babilônicos dos meses, mantinham seu próprio ano civil, que começa no outono, e não adotavam o ano babilônico, que começa na primavera. De Neemias 1:1 e 2, verificamos que de acordo com o cálculo judaico o mês de Kislev precedeu o mês de Nisã em dado ano real de um rei persa.

Antes que as fontes cuneiformes nos tivessem revelado o verdadeiro calendário dos reis persas e babilônios, os estudiosos dependiam do cânon de Ptolomeu para chegar a uma data exata em relação a esses reis. Associando o cânon de Ptolomeu e as afirmações de Neem. 1:1 e 2, chegaram a conclusão de que os acontecimentos descritos em Esdras 7, no sétimo ano de Artaxerxes I, ocorreram em 457 A. C. (7) Um século mais tarde ninguém havia mudado essa data. En-

tretanto, a situação mudou desde que os antigos registros revelaram o sistema persa de computar o ano do reinado de seus reis. A partir de então, verificou-se que o primeiro ano de Artaxerxes começou na primavera de 465 e terminou na primavera de 463, e os eventos narrados no capítulo 7 de Esdras foram colocados no ano 458 pela maioria dos estudiosos que trataram deste assunto nos últimos anos. (8) Nós temos sido praticamente os únicos que ainda persistem tenazmente em tomar 457 A. C., como o ano em que o decreto de Artaxerxes I entrou em vigor, baseando nosso argumento principalmente na afirmação de Neemias (Neem. 1:1 e 2), que mostra ter sido o sistema judaico de computar o tempo diferente do sistema persa.

A reconstrução do calendário judaico como era usado durante o quinto século tem sido tarefa difícil. Afortunadamente, foi encontrado grande número de papiros em aramaico, na ilha de Elefantina, no Nilo, alto Egito, há mais de quarenta anos. (9) Esses papiros, todos escritos numa colônia judaica durante o quinto século, dão-nos muitas informações concernentes às condições civis e religiosas sob as quais os judeus viviam. Eles provam que documentos similares constantes dos livros de Esdras e Ester não eram fictícios, mas relatos autênticos. Alguns desses papiros estão datados, mas outros têm data dupla, a oficial egípcia e a aramaica, usada pelos judeus. Procurando fazer as datas concordarem entre si, certo número de estudiosos influíram sobre eles sem contudo conseguirem resolver todas as dificuldades que surgiram. Muitos deles crêem que os judeus usaram o calendário babilônio, mas não explicam por que tantas datas não concordam com as datas babilônias. (10)

O Dr. Lynn H. Hood, de mérito incontestável, tem procurado harmonizar essa duplicidade de datas no papiro, presumindo que os judeus de Elefantina seguiam seu próprio sistema de calendário como Neemias, embora não estivesse em harmonia com o calendário babilônio, adotado pelos persas. Assim se chega quase a perfeita harmonia, e as provas indicam que estamos no caminho certo ao sustentar que os judeus contavam o ano sétimo de Artaxerxes I do outono de 458 ao outono de 457 A. C., e não de primavera a primavera.

O material até aqui conseguido, não era todavia bastante preciso para provar que os judeus de fato começavam seu calendário com o outono durante o quinto século, uma vez que todas as datas elefantinas eram do período de um ano, quando eram plausíveis ambas as possibilidades, isto é, início de outono a outono ou de primavera a primavera. Recentemente, porém, foram descobertos mais catorze papiros da mesma colônia judaica. Estão eles agora no museu de Brooklin e serão publicados dentro de poucos meses. Onze deles levam datas duplas, e um nos dá a tão procurada prova de que os judeus de Elefantina começavam seu ano civil com o outono, e contavam o ano real dos reis persas de acordo com seu próprio calendário, isto é, de outono a outono. (11) Uma palavra de gratidão ao prof. Emil G. Kraellin e ao Sr. John D. Cooney, do museu de Brooklin, por me haverem permitido anunciar esse descobrimento antes da publicação dos textos.

Ele virtualmente nos fornece a prova de que estamos certos em datar de 457 A. C. os eventos descritos em Esdras 7. Se Neemias contava o ano do reinado de um rei persa, com base no calendário de outono a outono, é inteiramente razoável admitir que Esdras haja seguido o mesmo sistema.

Outros descobrimentos recentes nos têm melhor relacionado com os três grandes inimigos de Neemias, que tanto entravaram sua obra: Sambalá de Samaria, Tobias de Amon e Gesem, o arábico. (Neem. 2:19.) Todos os três são mencionados em diferentes documentos antigos. Sambalá aparece num dos papiros aramaicos de Elefantina, como governador da província persa de Samaria, no tempo de Dario II (12) Isto explica por que foi inimigo acérrimo e perigoso dos judeus, cuja oposição Neemias não podia facilmente passar por alto. O relato bíblico não esclarece que ele haja sido o governador da província vizinha. Para os leitores contemporâneos das memórias de Neemias, este fato era comumente conhecido e não necessitava de menção especial, mas nós o ignorávamos. Uma vez que sabemos ter sido ele pes-

soa influente, podemos melhor compreender ter sido Neemias que usou de diplomacia e determinação para, em face de tão formidável inimigo, continuar sua obra e terminá-la.

Tobias, o amonita, era o chefe de uma família amonita muito famosa, de cujo palácio podem ver-se ainda ruínas na Transjordânia. O papiro de Zenon, encontrado na região Falun, do Egito, que vem da era de Ptolomeu, menciona a família de Tobias como tendo mantido extenso comércio com o Egito. (13) De novo vemos que outro oponente de Neemias não pertencia a uma família comum de cidadãos do país vizinho, mas a um círculo influente que não via com bons olhos se tornasse Judá uma nação forte outra vez.

Gesem, o arábico, foi também identificado recentemente numa inscrição midianita da Arábia do quinto século A. C. (14)

Os descobrimentos precedentes, que têm derramado luz sobre a Bíblia, parecem ser de valor insignificante, se tomados cada um separadamente, e a maioria deles elucida apenas pontos isolados da narrativa bíblica para sustentar certas fases da Palavra inspirada. Todo investigador no campo bíblico da arqueologia sente que estamos ainda muito longe do dia em que poderemos escrever um comentário arqueológico para cada verso da Bíblia. É evidente, contudo, para cada pessoa que tenha acompanhado a riqueza de material que tem vindo à luz em anos recentes, que muito do que se tem descoberto sustenta de maneira notável a parte histórica do Velho Testamento. Esta crescente evidência tem resultado em mostrar-se mais respeito ao Velho Testamento hoje do que em algumas décadas passadas. Os eruditos têm verificado que muitas fases da narrativa bíblica por eles consideradas ficção têm-se provado corretas, e com exceção de uns poucos irreduzíveis, encontra-se hoje entre os estudiosos do Velho Testamento uma atitude conservadora modificada. Isto não significa que tenham abandonado a atitude de crítica e estejam começando a aceitar parte da história bíblica como sendo verdadeira, mas sim que chegaram ao ponto de admitir base histórica para muitos fatos do Velho Testamento.

Os estudiosos da Bíblia que crêem na inspiração da Palavra de Deus, deleitam-se com esse desenvolvimento. Vêm que a obra da arqueologia bíblica tem resultado em prova da exatidão e veracidade dos relatos do Velho Testamento, e sua confiança na Palavra de Deus se tem fortalecido sobremaneira.

Isto os anima a proclamarem com mais força que antes, a verdade das partes históricas ainda não provadas das Escrituras sendo certo que elas se baseiam em evidência histórica tão digna de confiança como as partes do Velho Testamento que se têm provado corretas.

Manuscritos Descobertos Confirmam o Texto Bíblico

Cristo disse em Seu grande sermão relativo aos acontecimentos precedentes à Sua segunda vinda: "O céu e a Terra passarão, mas as Minhas palavras não hão de passar." S. Mat. 24:35. Essas palavras têm permanecido como prova dos séculos. Os descobrimentos arqueológicos não somente nos têm fornecido provas que revelam a exatidão dos eventos históricos narrados na Bíblia, mas também nos têm fornecido antigos manuscritos do Novo e Velho Testamentos que têm provado que os escritos do Novo e do Velho Testamentos como os temos hoje não sofreram mudança nem ajustamentos desde que saíram das mãos de seus autores originais.

Quando o criticismo bíblico floresceu faz pouco mais de cinquenta anos, muitos escolásticos foram levados a emendar o texto bíblico por eles considerado altamente viciado. Com o auxílio da septuaginta e de outras versões antigas, e lançando mão de recursos de astúcia e habilidade, esses escolásticos de tal maneira alteraram o texto bíblico que seria difícil em muitos casos reconhecer o original.

Cada teólogo considerava trabalho principal de sua escola, separar as fontes e descobrir os diferentes pressupostos autores e editores de cada um dos livros do Velho Testamento. Coisa sabida é que os mais altos críticos não atribuem o pentateuco a Moisés. Com efeito, crêem que a maio-

ria dos livros do Velho Testamento foram escritos muito antes, durante ou depois do exílio. No apogeu do criticismo bíblico, foram impressas Bíblias em que os diferentes autores eram indicadas em cada livro por diferentes cores. Várias adições dessa chamada Bíblia policrômica, ou "Bíblia Arco-Iris", foram publicadas durante o século dezanove e nos primórdios do século vinte.

É bem sabido que partes de Isaías foram caídas pelo alfanje do criticismo bíblico que fazia diferença entre dois ou três Isaías. O livro de Daniel, por sua vez, foi declarado ter sido escrito no tempo dos Macabeus, e o de Eclesiastes ainda mais tarde. Poucos livros do Velho Testamento escaparam a esse processo de dissecação escolástica. A comparação entre duas ou três obras críticas de um dado livro do Velho Testamento deixa clara a arbitrariedade do que foi feito. Ver-se-á que todos os autores desses livros declaram viciadas partes do texto, e o emendam e purificam de acordo com suas idéias, mas sem concordar uns com outros quanto a que partes foram viciadas ou interpoladas posteriormente. Passagens que um escolástico declara terem sido intercaladas pelos editores, outro aceita como parte do texto original, e onde quer que escolásticos emendem o mesmo texto, chegam a diferentes conclusões. O resultado é confusão e extravio da parte do leitor que pensa ter de aceitar o veredito dos escolásticos por causa de sua cultura educacional e posição escolástica no mundo do alto saber. Em vez de duvidar da validade desta espécie de atividade escolástica, sente sua fé abalada na viabilidade do texto bíblico, pondo em dúvida o mérito de alguém confiar em alguma parte do Velho Testamento.

Os escolásticos do Novo Testamento não desejam ser deixados à retaguarda de seus colegas do Velho Testamento, e embora tenham entrado mais tarde para o redil do criticismo bíblico, não trabalharam com menor zelo nem determinação. Pondo de lado todo ponto de vista tradicional sobre a autoria apostólica dos livros do Novo Testamento, puseram-se em campo à procura dos autores reais. As mais altas luzes desta escola encontram-se nas pessoas de Ernest Renan e D. Friedrich Strauss, os quais consideraram a história da vida de Cristo um romance. Mesmo a existência histórica de Cristo foi posta em dúvida por alguns. Os únicos livros do Novo Testamento que conservaram sua tradicional autoria foram as epístolas de S. Paulo. Todos os outros livros, evangelhos, epístolas e o Apocalipse foram declarados apócrifos, escritos que navegavam sob bandeiras falsas.

Esta foi a condição que prevaleceu na maioria das universidades protestantes em 1840. Por esse tempo Konstantin Tischendorf, um jovem escolástico conservador tornou-se professor na Universidade de Leipzig. Durante os seus anos de preparo ele sentiu que a maior necessidade no campo do estudo do Novo Testamento era de um texto com base em manuscritos mais velhos que o *Textus Receptus* que estivera em uso desde o tempo da reforma, mas que fora baseado em manuscritos recentes e inexatos. Ele considerou tarefa de sua vida descobrir os mais antigos manuscritos ainda existentes do Novo Testamento e publicá-los, sentindo que desta maneira poderia ser mostrado que o texto da Bíblia tinha sido transmitido sem maiores alterações desde os tempos de Cristo e dos apóstolos. Tischendorf como estudioso do Novo Testamento pôs em ação este plano e fez então mais pelo texto do Novo Testamento durante sua vida do que qualquer homem havia feito desde o tempo dos apóstolos. Quando começou sua obra, apenas um manuscrito do Novo Testamento do quinto século era conhecido — o Códice Alexandrino. Todos os outros eram mais recentes. Havia, pois, um espaço de mais de trezentos anos entre a morte do último apóstolo e este mais antigo manuscrito do Novo Testamento. Tischendorf desejava reduzir por todos os meios este hiato, e procurou copiar o quase ilegível Códice Efraimita de Paris. Fez o que ninguém fora capaz de fazer antes. Trabalhou durante dois anos diligente e pacientemente neste manuscrito, e sem poupar a vista que durante esse período ficou seriamente debilitada, copiou e publicou o texto, que era da idade aproximada do Códice Alexandrino. Sendo que o Vaticano não estava por esse tempo disposto a li-

bertar seu precioso manuscrito bíblico, o chamado Códice do Vaticano, Tischendorf foi ao oriente próximo em busca de manuscritos antigos. Fez várias viagens através do oriente, examinando bibliotecas de mosteiros e de igrejas em busca de antiguidades bíblicas. É bem conhecida e não necessita ser repetida a história de como ele salvou o Códice Sinaitico de uma cesta de papéis velhos que estavam para ser queimados como livros velhos sem valor, no mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai. Fez ele três viagens a esse local entre os anos de 1844 e 1859, antes que pudesse levar para a Europa esse famoso manuscrito.

Tischendorf publicou mais de uma centena de livros durante sua vida, sendo muitos deles publicações de textos, tendo tido a satisfação de ver sua obra e a de estudiosos de igual fé alcançarem êxito em convencer a crítica teológica de seu tempo de que o texto do Novo Testamento merecia mais confiança do que a que eles estavam dispostos a manifestar. Quando, em 1874, ele morreu privado da vista, a autoria apostólica de apenas três livros do Novo Testamento era seriamente posta ainda em dúvida. Todos os outros livros eram geralmente aceitos pelos estudantes da Bíblia, com exceção de alguns contumazes. (15)

Pela obra de Tischendorf o espaço entre os apóstolos e os primeiros manuscritos fora reduzido a pouco mais de duzentos anos. Veio então a época em que o Egito proveu centenas e milhares de papíros gregos, entre os quais se encontravam muitos remanescentes dos primeiros manuscritos bíblicos, alguns do terceiro século. Eles nos proveram com abundância de material linguístico que nos tem ajudado a compreender melhor que antes o texto grego do Novo Testamento. (16)

O maior descobrimento, entretanto, com referência ao Novo Testamento, foi feito em 1931, quando o chamado papiro Chester Beathy foi encontrado no Egito, contendo partes dos quatro evangelhos e Atos, dez epístolas de S. Paulo quase completas e o Apocalipse. Foram escritos no distante terceiro século, e forneceram um texto do Novo Testamento cem anos mais próximo do original do que o que se possuía antes. (17)

A lacuna entre os originais e esses manuscritos estava reduzida a pouco mais de cem anos, e fomos postos muito perto dos livros que haviam saído das mãos dos apóstolos. Eles apenas confirmavam o que os conservadores haviam erido todo o tempo, isto é, que nenhuma mudança de importância havia sido feita no texto bíblico, e que as inúmeras variações encontradas entre os diferentes escritores se prendiam a simples menores de prosódia e gramática, e uns poucos enganos tão comuns no tempo em que os livros tinham de ser copiados a mão durante séculos.

Um dos livros que não tinham sido aceitos ainda era o evangelho segundo S. João. A maioria dos estudiosos do Novo Testamento estava inclinada a atribuir este evangelho a alguém que vivera na metade do segundo século, mas não ao apóstolo João. A primeira evidência a sacudir esta errada suposição veio à luz quando um fragmento de um evangelho desconhecido, escrito na primeira metade do segundo século, mostrou conter citações do quarto evangelho. Esse descobrimento provou que o evangelho segundo S. João fora conhecido no Egito durante a primeira metade do segundo século. Quando este fragmento foi publicado em 1935, os estudiosos sentiram que tinham que revisar sua opinião referente ao evangelho segundo S. João. (18)

Apenas poucas semanas mais tarde outro achado ainda mais sensacional forneceu a prova de que o evangelho segundo S. João fora escrito na era apostólica. Um fragmento de papiro que continha alguns versos de S. João 18, foi descoberto na livraria de John Rylands, em Manchester, Inglaterra, da qual era propriedade havia vários anos. A importância deste pequeno fragmento consiste na sua data. Os papirologistas concordam em que essa folha do evangelho segundo S. João tenha sido escrita no Egito, onde foi encontrada, no início do segundo século, sendo, por conseguinte, o mais antigo manuscrito do Novo Testamento existente. (19) Se o evangelho segundo S. João era já conhecido e copiado no Egito, pouco depois do início do segundo século, deve ter estado em circulação por algum tempo. Para fazer o trajeto da Ásia menor onde, segundo anti-

ga tradição, foi escrito, ao país do Nilo, deve ter levado algum tempo. É razoável, portanto, concluir que o evangelho de João foi escrito antes do fim do primeiro século, portanto na era apostólica. A partir desse tempo certo número de famosos escolásticos como Deissmann, Kenyon e Goodspeed declararam-se a favor de uma data apostólica para o quarto evangelho.

Sem dúvida providencial é que esse antiqüíssimo documento de um livro do Novo Testamento de que estamos de posse agora, tempo nos venha de um livro da Bíblia controverso e não de um que tenha sido aceito pelo mundo estudioso. Se contivesse fragmento da carta aos Romanos, seu valor teria sido apenas sentimental, e provado ficaria tão somente o que cada um tinha por asentado, uma vez que não havia controvérsia, quanto a autoria da Epístola aos Romanos. Só há um descobrimento que se poderia igualar ao achado do fragmento do evangelho segundo S. João, e isto seria um antigo manuscrito que contém a segunda epístola de S. Pedro, ou porções dela, uma vez que sua autoria apostólica é ainda muito posta em dúvida pelos estudiosos do Novo Testamento.

Há cinco anos atrás se poderia dizer que os descobrimentos de manuscritos dos últimos cem anos muito tinham feito para levar ao opróbrio a alta crítica no que se refere ao Novo Testamento, mas nenhum antigo manuscrito do Velho Testamento viera à luz. Sabia-se que os judeus tinham por séculos praticado o hábito de enterrar rolos escriturísticos danificados ou defeituosos; daí não se poder entreter a esperança de virem a encontrar-se, no campo do Velho Testamento, manuscritos mais velhos do que os já existentes.

Faz cinco anos o manuscrito mais velho que contém partes do Velho Testamento não excedia de mil anos, o que deixava um espaço de quase mil e quinhentos anos dos originais. Estudiosos do Velho Testamento, por longo tempo haviam-se resignado a jamais poderem ser tão afortunados como seus colegas do Novo Testamento. Invejavam-nos por sua sorte de possuírem manuscritos tão próximos do original, mas sabiam que não poderiam esperar descobrimentos similares, uma vez que os descobrimentos que haviam fornecido tanta prova para a exatidão do texto do Novo Testamento haviam falhado completamente no que tange ao Velho.

Argumentavam os críticos que muita coisa acontecera ao texto do Velho Testamento durante os muitos séculos entre o tempo em que os livros originais foram escritos e o período de que data nosso mais velho manuscrito, isto é, um intervalo de 1.400-2.500 anos, dependendo do livro a que se refira. Os críticos escolásticos emendaram o texto, portanto, para restaurá-lo de acôrdo com suas opiniões, enquanto os conservadores teólogos sustentavam que Deus havia preservado até ao presente o texto incontaminado. Os de um lado construíam seus argumentos sobre a razão; os do outro, sobre a fé. Nenhum tinha provas científicas para suas opiniões.

Um grande descobrimento feito durante o ano 1947, mudou completamente esta situação. Esse descobrimento, que o prof. Albright assevera ser o maior de todos os tempos, ocorreu da seguinte maneira:

Goethers, pastoreando seus rebanhos nas montanhas escarpadas da Judéia, próximo à costa noroeste do mar morto, notou uma cavidade nova no lado oposto da montanha, e deduziu, com segurança, que uma das muitas cavernas escondidas fora aberta pelos freqüentes terremotos comuns naquela região. Atirou para dentro da caverna uma pedra, e ouviu som de cerâmica partida, pelo que fugiu temeroso. Mais tarde, cobrando ânimo, voltou para examinar o conteúdo da nova caverna. Encontrou alguns vasos bem preservados e certo número de pergaminhos enrolados em linho. Levou os rolos para Belém e mostrou-os a seu sacerdote maometano que, pensando tratar-se de manuscritos siríacos, aconselhou-o a vendê-los ao mosteiro sirio em Jerusalém. Dessa maneira, quatro dos manuscritos foram ter às mãos do mosteiro metropolitano de São Marcos. Os demais, uns quatro ou cinco, foram comprados pelo prof. E. L. Sukenik, da universidade hebraica.

Vários estudiosos que viram esses manuscritos no mosteiro sirio não creram em sua autenticidade e declararam-nos falsos, até que foram mostrados ao Dr. John C. Trever, diretor interino

das Escolas Americanas de pesquisas orientais, em Jerusalém, em fevereiro de 1948. Trever, vendo os manuscritos, ficou impressionado com sua aparente antiguidade, e, quando os comparou com o papiro Nash, um documento hebraico do primeiro ou segundo século, o qual continha o decálogo, creu em sua autenticidade. Fotografou-os todos imediatamente, dado o perigo de sua destruição, representado pela batalha de Jerusalém, então em curso, e persuadiu os sirios a porem-nos em lugar seguro, fora do país. Antes de apresentar à imprensa o descobrimento, Trever enviou fotografias ao prof. Albright, de Baltimore, uma das maiores autoridades em textos semíticos antigos. (20) Eu era por essa ocasião aluno de Albright, e jamais esquecerei o excitação havido quando ele confidencialmente nos mostrou as fotos, em março de 1948. Seu ôlho treinado reconheceu imediatamente que os manuscritos eram genuínos, julzo esse que, na ocasião, se evidenciou ser correto, embora alguns estudiosos obstinados ainda não estejam convencidos de sua autenticidade. (21)

Bibliografia

1. Albright, *The Archeology of Palestine and the Bible* (3ª. Edição; Nova York, 1935), pág. 227.
2. Hermann Gunkel, "Estherbuch," *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*, Vol. II, col. 381.
3. Rudolf Kittel, *Geschichte des Volkes Israel* (Stuttgart, 1929), Vol. III, págs. 518 e 519; E. Ebeling, *Aus dem Leben der Jüdischen Exulanten in Babylon*, (Berlin, 1914.)
4. Ver o artigo do signatário: "Important Archaeological Discoveries", *The Ministry*, 21 (Nov., 1943), No. 11, pág. 8.
5. H. V. Hilbrecht and A. T. Clay, *Business Documents of Murashu Sons of Nipur*, The Babylon Expedition of the University of Pennsylvania, Cuneiform Texts, Vol. IX (Philadelphia, 1898), págs. 47-74.
6. Clay *Business Documents of Murashu Sons of Nipur*, University of Pennsylvania Publications of the Babylonian Section, Col. II, No. 1, (Philadelphia, 1912), págs. 9-44.
7. Declarações feitas por Hales (1830), Pusey (1868), Leathes (1880), e Goode (1891) para confirmar que os acontecimentos descritos em Esdras 7 são datados de 457 A. C., são citados no *Source Book for Bible Students* (Washington, 1922), págs. 39 e 554-556.
8. George Rawlinson, *Ezra (Pulpit Commentary)*, pág. 101; L. W. Batten, "Ezra" in *Hastings' Dictionary of the Bible* (Nova York, 1908), Vol. 1, pág. 820; Julian Morgenstern, book review of Parker-Dubberstein's *Babylonian Chronology* (Chicago, 1942), *Journal of Near Eastern Studies*, 2 (1943), pág. 130; A. T. Olmstead, *History of the Persian Empire* (Chicago, 1948), pág. 306.
9. A. Cowkey, *Arabic Papyri of the Fifth Century B. C.* (Oxford, 1923), XXXII e págs. 319.
10. Os últimos estudos das datas foram feitos por M. Sprengling, "Chronological Notes Form the Aramaic Papyri," *American Journal of Semitic Languages and Literatures*, 27 (Abril de 1911), págs. 233-266; Richard A. Parker, "Persian and Egyptian Chronology," *ibid.*, 58 (Julho de 1941), págs. 285 e 301.
11. Uma vez que os papiros ultimamente descobertos não foram publicados e o autor tem de suas datas conhecimento apenas confidencial, nada mais além do que é dito no texto pode ser revelado acerca desses documentos extremamente importantes. Um artigo a ser publicado, intitulado "The Fifth Century Jewish Calendar at Elephantine," escrito pelo signatário - L. H. Wood, aparecerá no *Journal of Near Eastern Studies*. Uma pormenorizada apresentação da possível evidência da afirmação do texto acima será então feita.
12. A mais recente tradução dos papiros que mencionam Saubalá como governador de Samaria foi feita por H. L. Ginsberg, *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 491-492.
13. Hugo Gressmann, "Die Ammonitischen Tobiaden," *Sitzungsberichte der Preussischen Akademie der Wissenschaften* (Berlin, 1921), págs. 663-671.
14. Gus W. Van Beek, "Recovering the Ancient Civilization of Arabia," *The Biblical Archeologist*, 15 (1952), pág. 6.
15. Constantin von Tischendorf, *Codex Sinaiticus* (2ª

1954, Ano de Grandes Oportunidades para os Ganhadores de Almas

W. E. MURRAY

O PROFETA Ageu foi um dos guias do povo de Deus durante a reconstrução de Jerusalém e edificação do templo, após o retorno do cativo de Babilônia. Foi um dos servos de Deus que exerceram seu ministério em tempo de muita perplexidade e confusão. O povo estava rodeado de inimigos tanto externos como internos; estes últimos constituídos pela indiferença e dissensão, bem como pela frieza na experiência religiosa de muitos. Ageu sentiu necessidade de encaminhar as coisas a fim de poder terminar a construção do templo e de novo estabelecer o culto do Deus verdadeiro.

Para lograr tal fim, Ageu deu ao povo uma mensagem simples, mas ao mesmo tempo cheia de poder: "Aplicai os vossos corações aos vossos caminhos." Duas vezes repetiu êle esta diretiva no capítulo primeiro de sua profecia. Êste capítulo contém muitas outras declarações do profeta que exortavam o povo a meditar. Sem dúvida queria Ageu que o próprio povo tomasse a iniciativa e não que esta lhes fosse imposta por alguém.

A experiência descrita neste capítulo do livro de Ageu constitui uma lição para nós outros, obreiros na causa de Deus. Ela nos convida a meditar na maneira em que realizamos nossas tarefas, impulsiona-nos a investigar as Escrituras para saber que rumo tomar; desafia-nos a pensar nas verdades da mais profunda significação para nossa vida; inspira-nos à meditação diária.

As Sagradas Escrituras nos revelam que o pensar é algo da mais alta importância. O sábio rei nos disse o seguinte, nesse sentido: "Porque como imaginou em seu coração, assim é." O apóstolo São Paulo sentiu plenamente a importância da meditação, e em consequência exortou tanto os crentes como o ministério da igreja primitiva, a cul-

tivarem esta nobre arte. No cap. 4 de sua epístola aos Filipenses, encontramos um contraste entre dois diferentes grupos de pessoas que se encontram na igreja, e às quais aconselha "que sintam o mesmo no Senhor." Neste mesmo capítulo menciona seis características das coisas em que devemos pensar, e termina com a exortação: "Nisto pensai."

Em sua epístola a Timóteo, Paulo recomenda várias vezes o estudo e a meditação como elementos de muita significação na vida do obreiro. Com efeito, os fatores que mais contribuíram para o crescimento espiritual da igreja cristã primitiva, foram o estudo e a meditação. E assim continua sendo também em nossos dias. Entretanto a arte de pensar está quase perdida na atualidade. O valor de um obreiro determina-se em grande medida por sua faculdade de meditar, já que êste hábito tem muito que ver com o êxito em suas atividades.

Não só se dá valor ao pensamento no mundo religioso, como também no dos negócios. Muitas vezes somos levados a pensar que as atividades comerciais são mais mecânicas e requerem pouca meditação. Assim não é, todavia. No moderno mundo de negócios, o pensamento é apreciado em todo o seu valor.

Um dos homens mais destacados no mundo dos negócios de certo país, costumava reunir seus vendedores para com êles trocar opiniões sobre a melhor maneira de fazer progredir o seu estabelecimento. Chegou, porém, uma manhã em que os vendedores não tinham nenhuma sugestão a fazer, e então, aquele homem de negócios, que foi o precursor dos métodos impulsivos de venda no mundo inteiro, levantou-se e disse: "O que acontece é que não pensamos o suficiente. Somos pagos não para trabalhar com os pés, mas com a cabeça. Os pés jamais poderão competir com o cérebro."

"O pensamento tem sido o pai do progresso desde o princípio dos tempos. A ciência e o resultado do pensamento, e êste é a técnica do êxito nesta firma e em qualquer outro negócio. Todos os empregados da seção de vendas desta casa ganharão o dôbro se PENSASSEM e usassem a cabeça como deveriam. A expressão 'não penseis' tem custado ao mundo milhões de dólares."

Nessa ocasião o presidente fez imprimir grandes cartazes, nos quais cabia só uma palavra: PENSE! Colocou êsses cartazes em tôdas as seções da fábrica e remeteu-os a tôdas as sucursais.

O discurso dos cartazes foi uma inspiração para todos os vendedores das empresas comerciais de todo o mundo. Creio que é uma excelente ilustração do poder do pensamento.

Em nossa qualidade de ministros de Deus, devemos dedicar consideração e tempo à meditação. O ministro atua como guia do povo; portanto deve pensar bem no que diz em seus sermões. Êle tem de aconselhar constantemente os membros da igre-

1. Londres, 1934), 88 págs.; Carl Bertheau, "Tischendorf," in *Realencyklopädie für Protestantische Theologie und Kirche*, 3ª ed., págs. 788-797.
16. Adolf Deissmann, *Light From the Ancient East* (nova ed., Nova York, 1927), XXXII e 535 págs.
17. Frederic G. Kenyon, *The Chester Beatty Biblical Papyri*, New Testament Section, 7 Vols. (Londres, 1937-1937).
18. H. Idris Bell e T. C. Skeat, *Fragment of an Unknown Gospel and Other Early Christian Papyri* (Londres, 1935), VI e 63 páginas.
19. G. H. Roberts, *An Unpublished Fragment of the Fourth Gospel* (Manchester, 1935), 34 págs.
20. John C. Trever, "The Newly Discovered Jerusalem Scrolls," *The Biblical Archaeologist*, 11 (1948), págs. 45-57; Mar Athanasius Y. Samuel, "The Purchase of the Jerusalem Scrolls," *ibid.*, 12 (1949), págs. 26-31.
21. O prof. Salomão Seitlin é o campeão dos que não recuam a antiguidade dos pergaminhos. Êle tem sustentado firmemente que são produto de data comparativamente recente. Não é preciso dizer que nenhum estudioso de nomeada o tem acompanhado em seus argumentos. Dos numerosos artigos de Seitlin, apenas os dois primeiros são mencionados: "Scholarship and the Hoax of the Recent Discoveries," *Jewish Quarterly Review*, 39 (Abril de 1949), págs. 337-363; "The Alleged Antiquity of the Scrolls," *ibid.*, (Julho de 1949), págs. 5-9.

ja, e esta é uma das mais difíceis tarefas. Para cumprir seus deveres de maneira satisfatória e proveitosa, necessita dedicar tempo à meditação e oração. O ministro de Deus tem que dar exemplo em tudo, e isto não é de pouca importância. Muitas vezes nosso proceder deve ser objeto de meditação.

O ministro não trabalha isoladamente, mas está associado com outros obreiros cristãos, e este fato determina certas relações pessoais entre ele e seus colaboradores. Deve, portanto, receber muita consideração o trato que dispensamos a nossos companheiros de trabalho. Não raro temos que dar continuidade a um trabalho iniciado por outro obreiro. A situação imperante no novo local de trabalho pode não ser das melhores, e nossa atividade futura deve, nessas circunstâncias, ser objeto de profunda meditação, para não projetar sobre coisa alguma conceito desfavorável. Por outro lado, ao sairmos de nosso lugar de trabalho, procuremos deixar todas as coisas na melhor forma possível, não como tendo em conta nós mesmos, mas por tratar-se dos interesses de Deus. A fim de poder adotar a devida atitude em tais circunstâncias, deverá o ministro dedicar muito tempo à meditação.

Todo obreiro cristão deve pensar no futuro, bem como ser para nós outros causa de profunda reflexão o grau de experiência por ele alcançado no serviço do Mestre. Isto nos ajudará a ser mais eficientes em Sua causa no futuro.

Ao iniciar-se o ano de 1954, deveríamos meditar demoradamente em nossa futura atuação. Sem dúvida haveremos de ter obstáculos em nossa experiência pessoal. Devemos estar em situação de reconhecer a necessidade deste estudo e, ao mesmo tempo, dispostos a pagar o preço que o mesmo reclama. Pensemos em nossa condição em face da declaração de São Paulo: "Somos cooperadores de Deus." Isto quer dizer que nesta Terra somos colaboradores uns dos outros e, além disso, cooperadores de Deus, que está nos Céus. Sobre nós repousa dupla responsabilidade: para com Deus e os homens. Pensemos na maneira de cooperar melhor durante o ano de 1954 com os planos e propósitos do movimento adventista. Pensemos na grande verdade expressa pela irmã White: "Precisais ser bons, antes que possais fazer o bem."

Importa que durante este ano meditemos especialmente em nossa preparação, e na de nossa família para o reino dos Céus. Deus exige que atentemos para estes assuntos, sem perder de vista que o Senhor não fará por nós aquilo que nós mesmos podemos fazer. Meditemos na frase: "O meditar sobre a Palavra de Deus nos dá uma visão mais ampla das coisas, e nos mostra o caminho a seguir". Por outro lado, a falta de meditação tornará estéril nosso ministério. Lembremos a declaração do Mestre: "Não podeis servir a Deus e a Mamom." Neste mundo tão cheio de agitação e aperturas, deixamos muitas vezes de lado os pobres e enfermos como também as pessoas de idade avançada. Seria excelente se, como obreiros na causa de Deus dedicássemos algum pensamento à maneira de ajudar esses deserdados da fortuna, quer com nossos meios quer com nossa influência, durante o ano de 1954.

Há outro assunto relacionado com a Palavra de Deus, no qual convém também meditar. Quero re-

ferir-me aos territórios virgens de nosso continente, aonde teremos de penetrar com o evangelho durante este ano. Há muitas cidades grandes e populosas nas quais temos muito poucos membros, e estas devem constituir verdadeiro desafio para o ministério adventista. Começemos, pois, a pensar na solução do problema!

Meditar nessas coisas é uma atividade de importância impar. Desejo chamar a atenção dos leitores para um pensamento que se encontra no verso 19 do capítulo 10 de Atos. Deste texto se depreende que a meditação anima o Espírito a impressionar-nos o coração. O apóstolo São Pedro havia tido uma visão muito significativa, e ao refletir sobre a mesma permitiu que o Espírito a ele se chegasse e lhe impressionasse o coração, capacitando-o, assim, para cumprir sua missão. Sigamos o exemplo do apóstolo São Pedro e meditemos na missão que Deus nos confiou. A meditação nos grandes propósitos de nossa igreja trará a nossa própria existência benéficos que dificilmente bem avaliaremos. Assim como o meditar na visão que acabava de ter ajudou Pedro a cumprir sua missão, também o meditar nos ajudará a compreender as grandes possibilidades que nos deparam os vastos territórios da América Latina, onde o evangelho de Jesus Cristo ainda é desconhecido. Oremos para que o Espírito de Deus desça sobre todos com um poder incomum durante o ano de 1954. Começemos a trabalhar com fidelidade e dedicação e receberemos a graça de Deus para um ministério mais eficaz durante o presente ano.

O Custo da Catedral de São Paulo

ATÉ 1948, segundo dados oficiais, foram gastos na construção da Catedral de São Paulo, Cr\$ 25.800.000,00. Depois dessa data, vultosas somas foram empregadas, podendo-se calcular em perto de cinquenta milhões o capital investido. O valor real da obra, entretanto, segundo conhecido arquiteto, ascende à quantia de Cr\$ 250.000.000,00.

O autor do projeto foi o professor Maximiliano Hell.

Cristo — o Centro de Nossa Pregação

(Continuação da página 2)

"Se, mediante a graça de Cristo, os que constituem Seu povo chegassem a ser recipientes novos, Ele os encheria de vinho novo. O Senhor concederá luz adicional, as velhas verdades serão recuperadas e colocadas na moldura da verdade, e aonde quer que vão os obreiros, triunfarão. Como embaixadores de Cristo devem esquadriñar as Escrituras a fim de encontrarem as verdades que se acham ocultas por trás dos refugos do erro. E todo raio de luz recebido deve ser levado a outros. Um único interesse deve dominar e só um tema deve absorver a todos os demais — CRISTO JUSTIÇA NOSSA." — Review and Herald, Extra, 23 de dezembro, 1890.

Conjugação de Esforços na Vida

ARTUR L. BIETZ

CAPITULO II

Abandonando a Inquietação e a Ansiedade

O DESASSOSSÊGO e a ansiedade são realidades profundas no século atual. Muitos há que crêem serem estas as mais notáveis características de nossa civilização ocidental. Os estudiosos da natureza humana concluíram ser a ansiedade o âmago de toda a perturbação emocional. Muitos se sentem prêsas da ansiedade porque seus esforços para o êxito foram frustrados.

Conta-se a história de um homem, vítima da ansiedade, que decidiu ser o suicídio o único caminho para a solução do seu caso. Parou à borda de um precipício, pronto para saltar, quando foi detido por um homem que depressa procurou informar-se da causa de atitude tão drástica. O homem replicou que a situação do mundo o encheria de tal ansiedade que êle decidira pôr fim a tudo. Seu interlocutor então propôs darem um pequeno passeio e falarem sobre o assunto. A esta sugestão o quase suicida prontamente aquiesceu. Caminharam longo tempo falando sobre a natureza do mundo e a futilidade da vida. Quando voltaram ao mesmo local, diz a história, atiraram-se ambos ao abismo. A plausibilidade da história é secundária em comparação com o estado de espírito que ela descreve. Grande número de pessoas têm-se encontrado nesta situação por causa do sofrimento gerado pela inquietação e ansiedade.

A ansiedade é um estado excessivamente doloroso. Nem a antiga inquisição foi responsável por tamanha tortura. A ansiedade ataca o homem quando êle está mais fraco; engana e traiçoa sua vítima; não permite a seu prisioneiro escapar nem pela diversão nem pelo aturdimento, nem pelo trabalho ou pela recreação, nem durante o dia nem durante a noite; é feitor cruel.

A pessoa ansiosa está possuída de conflitos emocionais internos, tornando-se vítima, em lugar de senhora de sua vida. Em semelhante dilema, vê-se cativa, sem qualquer possibilidade de escape. A tentativa para escapar geralmente termina em conduta frenética porque ela não parece sentir a ameaça como vindo de determinado ponto.

A pessoa ansiosa sente-se ameaçada e tímida. Tende a se carregar de sentimentos de nulidade, desvalimento, rejeição, humilhação, isolamento, frustração. Sente-se como deve sentir-se o animal acossado que luta por sua vida. Fisicamente, tais pessoas vivem em estado de tensão e esforço, e tendem a se desgastarem mais pela fricção que pela salutar libertação de energia. Internamente parecem estar empenhadas numa veloz corrida; mas externamente permanecem indolentes, sem qualquer energia para as tarefas que devem ser executadas.

O portador de ansiedades acha impossível estar livre em sua associação com outros. Está de tal maneira preocupado consigo mesmo e com suas próprias reações, que não dispõe de tempo para os variados interesses de natureza social. Vive cheio

de inibições. Há muita coisa que gostaria de fazer, mas parece incapaz de iniciá-las.

A ansiedade é o resultado da falta de comunhão com Deus e os homens. A sùmula da lei é o amor a Deus e ao próximo. Isto significa simplesmente que o propósito total da vida deve ser focalizado na bem-sucedida associação com nosso Criador e com o próximo. Quando Adão e Eva pecaram, esconderam-se por causa da ansiedade interior. Desde então, a ansiedade em consequência de estranhas associações tem malsinado os homens. O homem que mantém comunhão íntima com Deus é capaz de desafiar os perigos externos. Mesmo no amor humano podemos ver uma dispersão de ansiedade, pois dois seres que se amam, sentindo-se um bem perto do outro, bravamente desafiam a morte. A ansiedade é um sintoma da ausência de amor e companheirismo. Um mundo solitário e cheio de ódio, gera tensão profunda e quase insuportável.

Pessoas ansiosas, inseguras, sentem constante necessidade de nova certeza. Elas têm pouca força; assim recolhem suas poucas reservas e não ousam lançar-se em novos empreendimentos. Fazem freqüentes exames médicos para terem a certeza de que estão bem de saúde. Desistem de viagens aéreas; temem aproximar-se das janelas do trigésimo andar de um arranha-céu. Se estão em hotel, não desejam aproximar-se do terraço. Se estão num quarto do décimo andar, precisam conservar as janelas fechadas por temor de cair fora. Temem armas de fogo, e não permitem que sejam elas guardadas em sua casa. Lâminas afiadas simbolizam morte, e por isso são objetos que devem ser evitados. Algumas criaturas ansiosas evitam um apêrto de mão ou tocar em objetos que possam transmitir infecção. Todo pequeno raspão ou arranhadura deve ser depressa tratado com iodo ou mercúrio-cromo.

Uma mulher de quarenta e cinco anos de idade se queixava de grande ansiedade em relação a canivetes. Por motivo de sua fobia não permitia sequer se apontasse um canivete em sua direção. A lâmina tinha de ser sempre aberta do corpo para fora. Se alguma pessoa tomava um canivete e o apontava em sua direção ela ficava histérica e gritava por socorro. Este temor de canivetes lhe perturbava todo o trabalho como dona de casa, pois ela vivia em constante estado de temor. Sabia ser irrazoável esta reação, mas não era capaz de reprimi-la.

Um estudo do caso revelou intimidades demasiadas com o irmão mais velho, quando ela contava seis anos. Um dia, em meio de uma dessas cenas, a mãe descobriu-os e surrou a menina sem misericórdia. O senso de culpa tornou-se intenso e engendrou inaudita ansiedade. Quando a menina estava com treze anos, a mãe deu-lhe um livro sobre escravagismo branco. A menina abriu-o e deu

com o quadro de um homem tentando seduzir uma mulher que procurava resistir. O quadro mostrava o homem empunhando um canivete que estava quase a penetrar nas costas da jovem. Este quadro de tal maneira amedrontou a menina que ela arremessou o livro para longe e fugiu gritando histéricamente. O incidente fôra esquecido, mas o impacto produziu cicatriz permanente na vida emocional. O senso de culpa na idade de seis anos associou-se ao temor engendrado pelo quadro visto aos treze, combinando-se ambos para tornarem do canivete — símbolo do perigo — a sua segurança. Agora adulta, a mulher ainda experimentava viva ansiedade, mas a ansiedade interior era deslocada pela fobia por canivetes que se tornaram um símbolo da primeira assustadora experiência.

A ansiedade não se restringe a mero problema emocional. Torna-se também um problema físico. Ela pode fazer sentir seus efeitos em cada tecido do corpo. Um estado benigno de ansiedade pode levar a um aumento de apetite, que por sua vez provoca excesso no comer e conseqüente aumento de peso. Uma pessoa que veio recentemente à consulta, queixava-se de aumento de peso. Quando lhe foi dito que reduzisse o volume de alimentos ingeridos, ela disse que havia em seu lar e nas suas relações matrimoniais muito entreechoque, e que a única satisfação que tirava da vida era comer. Não desejava recusar-se este singelo prazer que ainda lhe restava. Sentindo-se aliviada, passou a comer mais e parecia sentir-se melhor. Não há negar que a ansiedade intensa leva a completa perda de apetite; quando, porém, as emoções são brandas, a ingestão de alimentos pode produzir resultado pacífico. Sufocam-se as agitadas emoções.

Recentes experimentos com animais na Universidade de Montreal mostram que a morte tanto pode ser produzida por intenso estado de reprimida ansiedade, como por injeção de veneno no corpo. Em ambos os casos o organismo reage como uma só unidade, contra o dano produzido pela ansiedade ou venenos. Muitas enfermidades no homem moderno são resultantes da ansiedade crônica que desequilibra as funções do corpo. A ansiedade pode manifestar-se por distúrbios do coração, úlceras pépticas e outras enfermidades.

As atitudes que reconhecidamente produzem úlcera são as que afirmam independência e auto-suficiência como cobertura da ansiedade subjetiva acompanhada de ressentimento e hostilidade. Essas atitudes são produzidas pela ansiedade e senso de insegurança. Sempre que uma pessoa se defronta com uma situação para que é incapaz de dar solução satisfatória, podem manifestar-se enfermidades físicas de vários tipos.

Franz Alexander, lançando um pouco mais de luz sobre o tipo de personalidade portadora de úlcera estomacal, diz: "Eles se defendem da imoderada necessidade de serem amados, por exagerada demonstração de eficiência e realizações. Assumem maiores responsabilidades do que as que podem suportar, até que o reprimido original anseio de repouso e auxílio se tornam excessivos. Esse desejo constante e nunca suficientemente satisfeito de ser amado lhes ativou de tal maneira as funções digestivas, que deu lugar a que se manifestassem mudanças orgânicas no estômago e duodeno"¹

Autoridades que têm feito inúmeras pesquisas no campo das reações físicas dizem que a ansieda-

de pode tornar-se um fator bioquímico. Mediante a estimulação de secreções das terminais nervosas e das glândulas, são postas em liberdade matérias tão prejudiciais como os venenos das bactérias. Com efeito, a invasão das bactérias parece ser auxiliada pela tensão mental.

Não foi talvez por acaso que a gripe epidêmica de 1918 coincidiu com um dos mais ansiosos períodos da primeira grande guerra. Mesmo o resfriado comum, de acôrdo com investigação recente, parece atacar com a máxima virulência quando a vítima se encontra em estado de ansiedade.

Um paciente foi certa vez curado de um caso crônico de vômitos, ao ir à coletoria e pagar imposto atrasado, que havia sido objeto de um aviso ameaçador. A ansiedade produziu a reação física.

Um médico relata o caso de um homem que tinha pressão excessivamente alta e era também afligido por desordem pulmonar. Repouso e drogas não produziram qualquer efeito. Um dia o doente fez notar que havia cometido grande falta para com a esposa, e o doutor imediatamente arranhou um encontro entre o casal desajustado. Após amável discussão entre os dois, a pressão do homem caiu e os sintomas pulmonares decresceram.

Durante uma longa viagem, um homem de negócios de ideais elevados foi infiel à esposa. Em seu retorno experimentou intenso desconforto com dores no corpo. Mostrava-se incapaz de reassumir seus bem-sucedidos negócios. Sentia-se sem energia e parecia sofrer de completa perda da confiança em si. Uma série de tratamentos com choques para libertar a confusão e ansiedade foi de nenhum proveito. Depois de vários meses de semi-impulsidade o homem confessou sua deslealdade à esposa e recobrou a saúde. Então lhe voltaram a confiança e o êxito nos negócios.

Parece haver um arranjo misericordioso na produção de sintomas físicos. Cada desajustamento é uma tentativa de ajustamento. Os sintomas físicos parecem tornar-se uma legítima fuga do insuportável sentimento de ansiedade. O foco agora provê queixa digna de respeito, pela qual a pessoa logra alcançar simpatia, e dessa forma a atenção é desviada do que produzia a tensão. Isto explica por que muitos não desejam ficar livres de seus sintomas físicos. Vão de um a outro médico em busca de uma causa que lhes justifique a incapacidade. O médico que lhes disser que têm boa razão de queixa é o que lhes recebe os aplausos. Os sintomas físicos servem de válvula de escape para a ansiedade que produz padecimento insuportável.

A ansiedade tem em geral sua raiz em relações remotas entre pais e filhos. A criança insegura, malquista, torna-se, quando adulta, infeliz, portadora de ansiedade. Não raro os que não foram amados na meninice, parecem incapazes, quando adultos, de alcançar o de que realmente mais necessitam. Como regra geral pode dizer-se que a ansiedade brota da insegurança, e a insegurança é o resultado da falta de *ego status*, aceitação social e adequada filosofia da vida. As pessoas que não possuem qualquer respeito próprio viverão ansiosas, as que se sentem rejeitadas por outros vivem em estado de tensão, e as que não têm objetivo na vida são portadoras de ansiedade. O bem-estar físico, o *ego status*, a aceitação social e adequada filosofia da vida são necessários se se deseja a libertação do estado de ansiedade.

Alguma explicação das palavras *ansiedade* e *te*

mor é necessária para evitar mal-entendido. Muitas pessoas não são capazes de compreender que há distinta diferença entre esses dois estados de espírito. Temor é uma reação a alguma coisa no "mundo real;" ansiedade é uma reação desproporcional ao perigo envolvido. A mãe que teme a morte do filho por ter êle ligeiro sarampo ou leve resfriado, está positivamente sofrendo de um estado de ansiedade. Se a criança sofre de enfermidade séria que lhe poderá produzir a morte, a reação materna é o temor.

Uma pessoa pode temer um acidente e evitá-lo com cuidado. Esse temor é sadio. Outra está tão certa de que haverá um acidente, que não o evita de forma alguma. Esta reação é ansiedade.

A criança deve ser ensinada a temer certos perigos externos — isto é necessário para a saúde mental. Mas a criança em estado de ansiedade está sofrendo de enfermidade emocional. De acordo com esta definição, a ansiedade não encontra justificativa, ao passo que o temor pode ser benéfico e terapêutico. Um estudante poderá temer um exame o bastante para levá-lo a estudar e preparar-se. A ansiedade, por outro lado, deixaria a mente do estudante tão perturbada que êle não poderia conservar o pensamento no estudo, e, assim, não conseguiria lembrar-se do que aprendera para o exame. O temor liberta forças construtivas

que afastam o perigo e promovem o planejamento para futuro promissor. A ansiedade congela a vida e invalida suas energias.

No caso de temor, o perigo é transparente, objetivo; e no caso de ansiedade, está oculto, subjetivo, surgindo em grande medida dos sentimentos da incapacidade de enfrentar os problemas da vida. Além disso, muitas vezes, as causas de ansiedade são desconhecidas da vítima. A distinção entre temor e ansiedade deve ser tida em mente no trato dêste problema.

Os homens escolhem várias maneiras de se libertarem dos sentimentos de ansiedade. Alguns procuram negar a existência desses sentimentos; dizem que tudo vai bem e que não estão preocupados. Outros, seguros de que seus sentimentos são plenamente justificados, procuram apresentar para êles razões ponderáveis. Alguns portadores de ansiedades procuram evasiva no álcool e nos narcóticos, mas tôdas essas fugas levam a maior tensão. A ansiedade deve ser enfrentada honestamente e sua causa examinada. Até que a pessoa esteja suficientemente forte, deve abandonar situações que estão além de suas forças. As últimas duas sugestões conduzem a uma construtiva solução do problema da ansiedade.

1) Franz Alexander, M. D., and Thomas Morton French, M. D., *Psychoanalytic Therapy*, pág. 4.



E VANGELISMO

Uma Grande Súplica

EM 24 de maio de 1954, a assembléia geral da obra adventista iniciará suas sessões na cidade de S. Francisco, na Califórnia. Serão eleitos nessa ocasião os novos oficiais e diretores dos departamentos da Associação Geral, bem como das Divisões do campo mundial. Além disso, em harmonia com Apoc. 14:6-12 e os escritos do Espírito de profecia, tomar-se-ão medidas para a pronta pregação do evangelho a toda nação, tribo, língua e povo da Terra.

A Associação Geral acaba de tomar a resolução de pedir a todos os campos do mundo que realizem uma campanha muito especial de evangelização que abranja tôdas as igrejas e grupos, de 1º de janeiro de 1954 a 15 de maio do mesmo ano, e que como fecho de ouro, sejam batizadas, em todo o mundo, pelo menos 35.000 almas.

Pediu-se a todos os campos que comuniquem por telegrama às suas Uniões, os resultados a partir de 1º de janeiro, para que estas possam transmitir à Associação Geral às cifras totais. Assim poderemos dar uma nota prática do fervor cristão pelas almas, existente em nossa Divisão, o que servirá ao mesmo tempo de estímulo para os delegados, quando, ao regressarem a seus respectivos campos, se dedicarem com redobrado amor à pregação do evangelho, à terminação da obra em todo o

mundo, e acima de tudo, ao resgate das ovelhas perdidas da casa de Israel.

O alvo que corresponde à Divisão Sul Americana é de 2.000 batismos para o período acima. Rogamos a cada União, campo local, departamento e instituição, que trabalhe na medida de suas forças para que êste alvo não somente seja alcançado, mas sobrepujado, a fim de que muitas almas sejam ganhas para o reino de Deus, e ao mesmo tempo chegue à Associação Geral uma prova visível e real do que podem fazer os 1.279 obreiros e 65.000 membros de nossa Divisão.

Mais adiante damos a conhecer o texto da decisão tomada pela comissão da Divisão Sul Americana, bem como a sub-divisão do alvo pelas Uniões. Cada União terá, por sua vez, que distribuir seu respectivo alvo entre os diferentes campos, e é de esperar que cada Associação e Missão faça o mesmo, no tocante à suas igrejas e grupos.

Se algum obreiro desejar qualquer esclarecimento sobre a referida resolução, ou algum conselho sobre a melhor forma de alcançar êste nobre objetivo, pode dirigir-se ao signatário.

A Associação Ministerial deseja aos que lêem estas linhas, as mais ricas bênçãos de Deus e a iluminação do Espírito Santo, para que possam reali-

zar sua parte na salvação de novos crentes, tirar do lamaçal do pecado a algum membro apóstata e ajudar nossos jovens a se decidirem pelo Mestre. Oremos diàriamente pelo alvo de 2.000 almas

batizadas em nossa Divisão até 15 de maio de 1954. Façamos nossas as palavras do apóstolo: "Posso tôdas as coisas n'Aquele que me fortalece." Fil. 4:13. w. s.

Alvo Alternativo de Batismos para 1954

VOTADO PELA DIVISÃO SUL-AMERICANA

	1º Jan. - 15 Maio	16 Maio - 30 Set.	1º. Out - 31 Dez.	Total
União Austral	375	425	800	1.600
União Incaica	550	525	925	2.000
União Norte-Brasileira	150	100	150	400
União Este-Brasileira	375	475	650	1.500
União Sul-Brasileira	550	525	925	2.000
	2.000	2.050	3.450	7.500

Resoluções Sôbre Evangelismo em 1954

CONSIDERANDO que existe necessidade de freqüentes séries curtas de reavivamento e evangelismo em tôdas as nossas igrejas, e,

Considerando que essas séries combinadas de reavivamento e evangelismo constituem para os crentes fator poderoso para o fortalecimento da fé, bem como para levar à decisão os que têm permanecido no limiar do Reino, mas não se têm decidido em favor de Cristo; e,

Considerando que, por êsse meio, muitos indiferentes são reconquistados e centenares de filhos de adventistas ingressam na igreja,

Fica Decidido que, 1. — A começar com o mês de Janeiro de 1954, se faça esforço local especial em cada campo, para realizar essas reuniões de duração de oito a quinze dias em cada igreja adventista do sétimo dia de tôda a Divisão Sul-Americana, com o fito de acrescentar à igreja tantos quantos possível durante êsse período.

2. — Na medida do possível, essas reuniões sejam iniciadas o mais cedo possível no mês de Janeiro, e, no interesse da campanha em tôda a Divisão, seja apontada a noite de sexta-feira, 5 de Março como a data em que a maior quantidade possível de reuniões seja celebrada, e êsse trabalho seja feito até alcançar-se cada uma das igrejas.

3. — Onde quer que seja viável, os oficiais da igreja e membros leigos capazes auxiliem no trabalho de visitação aos lares, estudos bíblicos, etc.

4. — Onde as igrejas estejam localizadas em lugares muito afastados, de forma a impossibilitar a visita de um ministro durante êsse período, os membros leigos consagrados e pertencentes a igrejas maiores, sejam convidados a irem, dois a dois, dirigir essas reuniões.

5. — A seguinte literatura seja conseguida, de antemão, para cada série de reuniões:

- Quantidade suficiente dos oito números de "Mensagens de Esperança", para distribuição gratuita;
- Bíblia para serem vendidas;
- Brochuras que contenham a mensagem, para serem vendidas;
- Livros do Espírito de Profecia, para serem vendidos;
- "Nosso Amiguinho";
- "Juventude".

6. — A matéria para as nossas publicações denominacionais seja escolhida do ponto de vista desta campanha, sugerindo-se que se prepare um exemplar especial de "Juventude" que seja de uso proveitoso nessa campanha, e onde não está sendo editada a revista dos jovens, proveja-se literatura especial para distribuir aos jovens.

7. — Faça-se esforço para dirigir uma classe batismal em cada igreja, antes do término da reunião.

8. — Sejam efetuadas coletas nas respectivas igrejas, para, tanto quanto possível cobrir as despesas dessas reuniões especiais.

9. — Sejam apresentados os assuntos seguintes:

- A Bíblia — a Palavra de Deus em Realidade.
- Sinais do Fim que se Aproxima.
- O Segundo Advento.
- A Igreja Triunfante.
- A Perpetuidade da Lei.
- O Sábado e seu Significado.
- O Novo Nascimento.
- A Justiça pela Fé.
- A Esperança da Ressurreição.
- A Reforma Sanitária.

10. — Os obreiros dos escritórios, nos respectivos campos, bem como os das instituições, sejam convidados a unirem-se aos pastôres, evangelistas e

membros leigos na direção dessas reuniões ou em dar estudos bíblicos.

11. — Estabeleçamos o alvo de angariar 2.000 membros novos para as nossas igrejas de toda a Divisão Sul-Americana durante o período de 1º de Janeiro a 15 de Maio de 1954.

12. — Os obreiros das Uniãoes se aconselhem com os oficiais e comissões de seu território com bastante antecedência, a fim disporem de tempo suficiente para o arranjo dum plano prático, completo e bem preparado, com o fito de serem executadas as recomendações supra.

Fica Decidido, outrossim, que, a começar com 1º de Janeiro de 1954, seja feito um supremo esforço para ser pregado um sermão evangélico em cada igreja adventista do sétimo dia e cada grupo organizado, em toda a Divisão Sul-Americana (onde é possível a realização de reuniões públicas) cada noite de Domingo.

Duração do Evangelismo Público

CONSIDERANDO, que anualmente, muitas almas estão sendo perdidas para o reino de Deus como consequência da maneira em que são realiza-

das certas séries de conferências públicas (quer grandes quer pequenas), pois muitas são interrompidas nos momentos mais decisivos por ser o obreiro retirado para dedicar-se a outro ramo igualmente proveitoso da obra, tais como comissões de Associações, instituições, ou mesmo em férias, e

Considerando que, quando após algumas semanas o obreiro regressa à sua atividade de ganhar almas, os que antes haviam estado profundamente interessados perderam todo interesse na Mensagem porque, na sua ausência, o inimigo se insinuou na forma de prazeres mundanos; e,

Considerando, que o Espírito de Profecia insiste com a igreja e com os ministros no sentido de maiores e mais bem-preparados esforços para a conquista de almas, antes que seja tarde demais,

Fica Decidido, que onde quer que seja possível, em cada campo local, sejam realizadas séries de conferências, a começar o mais cedo possível, de forma que o pastor-evangelista disponha de pelo menos sete a oito meses de tempo integral para esse fim, sem ser interrompido por campanhas, comissões e férias; que ele disponha de tempo suficiente para levar as pessoas à firme decisão de aceitarem a última mensagem de graça.

Timidez e Presunção

G. CUPERTINO

Vice-Secretário da Associação Ministerial da Divisão Sul-Européia

AO viajar pelas cidades e vilas fervilhantes de atividades, e ver o povo absorto na busca de ilusões e prazeres, o obreiro de Deus não pode deixar de pensar no peso da tarefa que sobre ele repousa: advertir esse povo, e fazê-lo tão depressa quanto possível.

Então uma seqüência de idéias e sentimentos lhe invade a mente. Seu pensamento é influenciado pelo que vê, e ele necessita nada menos que do auxílio do alto para livrar-se de certas tendências fatais, entre as quais se contam a timidez e a presunção.

São dois extremos. A timidez, que possui o alcance do temor, toma posse do obreiro quando ele considera em demasia o lado humano das coisas e muito pouco o divino. Este assalto da timidez ameaça-nos a todos, e deveria ser resistido enérgicamente pelo espírito de confiança em Deus. De outra forma significará derrota. Foi por haverem olhado com os próprios olhos, e não com os de Deus, que os espias voltaram com um mau relatório: "Aquêle povo... é mais forte do que nós." (Núm. 13:31.)

Todos nos arriscamos ao perigo. Ante o poder dos homens, seu ouro, seu número, sua organização e influência, corremos o risco de submergir, perdendo de vista o positivo, isto é, o lado divino de nossa missão — que impeliu José e Caleb, animados pelo "outro espírito" (Núm. 14:24), a exclamar: "Subamos animosamente, e possuamo-la em herança, porque certamente prevaleceremos contra ela". (Núm. 13:30.)

No Novo Testamento, Paulo nos dá a mesma lição. Ele nos aponta que "Deus escolheu as coisas

loucas deste mundo para confundir as sábias." (I Cor. 1:27.) Isto se tem repetido algumas vezes no curso da história: a vara singela de Moisés levanta-se contra Faraó; para pôr abaixo os muros de Jericó bastou a marcha silenciosa de um povo desarmado, acompanhado pela arca; e para enfrentar o exército amalequita, composto de 135.000 homens, encontraram-se apenas trezentos — armados de cântaros e tochas.

Seguem-se outros exemplos para confirmar que isto se faz "não por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos." (Zac. 4:6.) Com a funda de um jovem pastor, o gigante Golias é derribado de um golpe; por um pequeno número de jovens exilados, a honra de Deus é vindicada na côrte de Babilônia; e um jovem, singelamente vestido de pele de camelo, proclama a mensagem de arrependimento na véspera do ministério de Jesus. Sim, "Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são." (I Cor. 1:28.) Quando o jovem obreiro, que nem mesmo possui lauréis de academia, aceita o chamado de Deus, se apegua a todas as oportunidades para se educar e instruir e, pela oração e estudo, torna-se um homem da Bíblia, pode avançar com a firme segurança de que alcançará a vitória. "Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação." (II Tim. 1:7.)

O Perigo da Presunção

Outro perigo que nos espreita é a presunção, ou auto-suficiência. Ao permitirmos que esta tendên-

cia nos controle a vida, estamos seguramente no caminho do fracasso. Por ocasião da conquista de Ai, alguém disse a Josué: "Não suba todo o povo; ... porque poucos são." (Josué 7:3.) Lembremos, de passagem, que isto aconteceu imediatamente após a grande vitória sobre Jericó. É fácil, depois de uma campanha bem-sucedida, esquecer que foi Deus quem concedeu a vitória. É fácil também cair no otimismo que não passa de cegueira. Sim, precisamos expulsar o temor e fazer progressos pela fé. Deveríamos, porém, tomar em consideração a realidade, medir a magnitude de nossa missão, e sentir com humildade nossa pequenez e a desproporção existente entre a obra e o obreiro. Isto não

nos levará ao desânimo mas a mais íntima comunhão com Deus, a Fonte de todo o poder.

Preenchidas essas condições, não haverá mais limites para o que Deus poderá realizar por meio de homens e mulheres que tenham os olhos abertos e o coração firme. A timidez haremos de opôr a fé firme dos crentes; a presunção, a humildade de coração. Nada menos que isto é necessário para uma ação equilibrada. Em vez de cair no fogo do entusiasmo hoje, e no abismo do desânimo amanhã, avancemos prudentemente, mas vitoriosamente, sem temor nem presunção. Então nosso progresso será certo, pois "a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito." (Prov. 4:18.)



O BRA PASTORAL

O Cuidado dos Recém-Batizados

WALTER SCHUBERT

EM certa assembléia ministerial, um dos presentes se expressou da seguinte forma: "Não creio no evangelista fulano de tal. Ele trouxe para a minha igreja 105 almas, mas agora, decorridos dois anos, só permaneceram 20." Outro pastor lhe respondeu à guisa de contestação: "É muito estranho isso, pois o mesmo evangelista trouxe para a minha igreja 120 almas, e graças a Deus, apenas 6 se perderam. Os restantes 114 continuam fiéis ao Senhor."

A que se deve essa diferença? Ao fato muito claro de uma das igrejas haver cuidado dos conversos, ao passo que a outra não cumpriu sua responsabilidade de pastorear as ovelhas recém-nascidas na grei do Senhor.

Há sem dúvida igrejas infiéis, assim como há membros que o são. E nessas igrejas perdem-se muitos conversos bons por falta de cuidado pastoral, amor fraternal e compreensão da parte dos membros.

De acôrdo com a declaração de São Paulo que se encontra em I Cor. 3:1, os novos conversos são "meninos em Cristo." Subentende-se que os meninos necessitam de certos cuidados, como também de alimentos adequados à sua tenra idade. Requeiram-se planos para eles, e muitas vezes isto significa sacrificar-se por eles. De igual forma, nenhuma igreja consciente pode esperar dos recém-batizados a perfeição na vida cristã e a santidade que devem caracterizar os membros que militam na verdade há muitos anos. Não obstante, o candidato não deve ser batizado sem que saiba tudo quanto é necessário para ser discípulo fiel do Mestre, e se disponha a praticá-lo também.

Nenhum neófito esfriaria ou abandonaria a igreja se nela encontrasse ambiente agradável, amor fraternal, calor e bondosa compreensão. Uma igreja pode ser eficiente em sua organização, finanças

e programa, mas se lhe falta o essencial: compreensão e amor às almas, como o teve Jesus, não saberá cuidar dos "meninos em Cristo" que entram em seu seio por meio do batismo, para que os mesmos possam crescer na graça do Senhor e chegar a adultos na verdade, e colunas na igreja.

Para alcançar isto, os recém-batizados devem ser visitados uma vez por semana nos dois meses seguintes ao batismo. Depois disso uma vez cada duas semanas durante os dois meses seguintes, e uma vez por mês nos seis meses subseqüentes. É verdade que, sozinho o pastor não poderá cumprir este plano. Todavia pode delegar esta responsabilidade a certos membros consagrados, bondosos e judiciosos, pouco amigos de criticar e condenar os neófitos por erros que possam cometer, e movidos do sincero desejo de ajudá-los a vencerem tentações e provas, como a possível perseguição. Estas visitas visam ao seguinte, em relação aos novos:

1. — A importância de orar pelo menos três vezes ao dia, em horas certas e determinadas, para adorar a Deus e pedir-Lhe forças espirituais que os ajudem a vencer as tentações e a indiferença, e sair triunfantes de tôdas as lutas da vida. Convém terminar com uma breve oração essas visitas, e pedir aos da casa que orem também.

2. — Fomentar o amor ao estudo da Palavra de Deus, familiarizando-os cada vez mais com o Sagrado Livro. Deve-se animá-los a ler todos os livros tanto do Novo como do Velho Testamento, a fim de compreenderem cabalmente os princípios fundamentais desta carta de amor de Deus à humanidade.

3. — Animá-los também a ler os livros do Espírito de profecia. Convém sugerir-lhes a leitura de alguns parágrafos de livros como "Vereda de Cristo", "O Desejado de Tôdas as Nações" e "Testemunhos Seletos", durante os cultos matutino e vespertino.

ino da família, para que recebam consolo e ânimo na vida cristã.

4. — Recomendando-se-lhes também a leitura de "Revista Adventista". A irmã White disse que a leitura dessa revista é uma arma muito eficaz contra a apostasia.

Oxalá, tanto o ministério como os oficiais da igreja considerem a necessidade de tratar os novos conversos como nos é indicado no Espírito de profecia, na página 265 do livro *Evangelismo*: "Os atos precipitados e a falta de consideração revelam ausência de senso e induzem a erros. O que é mais de lamentar, porém, é que os jovens conversos serão prejudicados por esta influência, ficando abalada a sua confiança na causa de Deus."

Os novos conversos poderão cometer erros, uma vez que para eles tudo é novo, e às vezes se esquecem. Pode acontecer, também, que alguns pontos não lhes foram explicados de maneira bastante clara, como aconteceu no seguinte caso: Um sábado de manhã certo irmão apareceu na igreja com um jornal na mão. Alguns irmãos críticos logo o consideraram candidato à apostasia. Quando o pastor da igreja com ele falou de maneira bondosa, e lhe fez ver que devia guardar fielmente o sábado, ele confessou que ignorava estar a leitura de jornais incluída na verdadeira observância do sábado. Prometeu ao mesmo tempo com todo o prazer, não mais incorrer em semelhante falta no futuro. Se porém alguns dos irmãos do tipo admoestador lhe houvessem falado de maneira severa, o mais certo é que essa pessoa se teria retirado da igreja para nunca mais a ela voltar.

Em casos como o precedente, devemos agir de acordo com as seguintes palavras do grande apóstolo

lo Paulo: "Mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos. . . . Portanto recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus." Rom. 15:1 e 7. "Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado." Gál. 6:1.

O pastor A. C. Archibald escreveu o seguinte num de seus livros: "Os homens não permanecerão fiéis a nenhuma pessoa ou instituição, a menos que nela encontrem um significado ou propósito suficientemente grande como que em desafio a sua alma." Convém ponderar este pensamento. A igreja e seus dirigentes deveriam conduzir-se, em todas as coisas da vida, de maneira tal que os novos crentes pudessem ver sempre na instituição da "casa de Deus" a "porta do Céu." Quando um neófito encontra na igreja compreensão e amor fraternal, interêsse em seus problemas e alimento para sua alma sequiosa, nunca pensará em abandoná-la.

As igrejas devem saber levar as cargas dos "meninos em Cristo" alimentando-os com a Palavra de Deus, até que cresçam e cheguem, passo a passo, à estatura do Senhor.

Escutemos a admoestação de Deus: "Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? Comeis a gordura, e vos vestis da lã; degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortaleceste, e a doente não curaste, e a quebrada não ligaste, e a desgarrada não tornaste a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza. Assim se espalharam por não haver pastor." Ezeq. 34:1-5.

CAIXA DE PERGUNTAS

O Ministério da Morte

Queiram por favor explicar II Cor. 3, principalmente "o ministério da morte." Que significa isto?

Este capítulo é melhor compreendido se considerado com base em sua história. É sempre melhor ler tudo o contexto de um passo bíblico intrincado, pois há grande perigo de ficar-se mal orientado por tomar pequenas partes isoladas, principalmente se o leitor tem idéias preconcebidas. Este capítulo não pode ser inteiramente compreendido se não relacionado com I Coríntios. A igreja de Corinto tinha em si sérios elementos de perigo devidos ao passado indecoroso e à natureza insubordinada e rebelde de muitos de seus membros. Paulo escreveu palavras de condenação à igreja de Corinto mais que a todas as outras igrejas combinadas, concluindo com a advertência de uma possível maldição. (I Cor. 16:22.)

A segunda epístola foi escrita depois de Paulo ter sido informado de como haviam eles recebido suas reprovações. Alguns deles haviam ficado tão tocados que sentiram necessidade do conforto tão repetidamente mencionado por Paulo. (II Cor. 7:6 e 7; 1:3-6.) Ele foi brando e conciliador em sua segunda carta e mais auto-biográfico do que no resto de

seus escritos. Isto porque haviam insistentemente perguntado por sua autoridade. Era ele de fato apóstolo?

Toda a segunda carta aos coríntios foi escrita para provar o apostolado de Paulo. Nos primeiros capítulos ele apela para a demonstração do Espírito em seu trabalho, como a principal prova. Depois descreve fartamente seus sacrifícios, perseguições e sofrimentos. Finalmente descreve suas visões, pelas quais tinha sido transportado ao Céu e visto e ouvido o que estava além da possibilidade de ser exposto em palavras (verdadeiro significado de II Cor. 12:4.)

O terceiro capítulo de II Coríntios é parte de seu argumento com respeito à demonstração do Espírito Santo. Os próprios coríntios eram a credencial de Paulo; ele não necessitava da credencial de Jerusalém, quando eles eram o fruto de sua obra. (II Cor. 3:1-4.) No verso 5, Paulo acrescenta que eles não deveriam pensar que fôsse por algum mérito próprio que havia sido escolhido para fazer a obra de um apóstolo. Foi o poder divino que fez de Paulo e de seus companheiros, servos de Deus, ("ministros") para levar as boas-novas da justiça pela fé ("o Novo Testamento"). No verso

6, Paulo diz que os coríntios sabiam serem ele e seus companheiros servos de Deus, porquanto se manifestara mais poder em sua pregação do que houve com o formalismo dos judeus.

No verso 7 e restante do capítulo, Paulo põe ênfase entre o formalismo judaico — a que chama “a letra” — e sua viva fé em Cristo. Isto ele faz pela referência à experiência de Moisés quando cobriu a face com um véu. Ao que Moisés estava fazendo nesse tempo, Paulo chama “o ministério da morte” e “ministério da condenação”; diz que era glorioso mas estava fadado a desaparecer sendo substituído pelo “ministério da justiça”, que era mais glorioso. Se pudermos descobrir o que estava Moisés fazendo quando tinha o véu sobre o rosto, descobriremos o que é “o ministério da morte” que deveria passar.

Leia-se cuidadosamente Êxo. 32-34. Isto foi depois de haverem os israelitas feito o velho concerto (Êxo. 19:3-8), que foi a promessa feita em sua própria força de obedecerem a tudo que o Senhor ordenasse. Em seguida Deus promulgou Sua lei, do monte Sinai (Êxo. 20), que pelo concerto eles se obrigaram a obedecer. Moisés subiu então ao Monte para receber de Deus um conjunto de “juízos” nos quais basear a aplicação da lei, na maneira em que os modernos juizes usam “precedentes”. Enquanto ali esteve quarenta dias, levantaram os israelitas o bezerro de ouro, quebrando assim o concerto e acarretando sobre si a penalidade da morte que Deus ameaçava executar. (Êxo. 32:7-14.) E Deus teria o direito de assim proceder, por estar toda a nação sob a sentença de morte como penalidade da lei quebrantada. Moisés desceu do monte e executou esta sentença. (Êxo. 32:7, 10, 15, 22-29; 33:1-10.) Este foi o “ministério da condenação”, ou “o ministério da morte” — a execução da penalidade da morte. Não a lei, mas a execução da pena da lei. Como símbolo de que o povo estava sob este “ministério da condenação”, Moisés quebrou as tábuas da lei. O povo ficou privado da guia de Deus e deixado na incerteza quanto a se Deus os pouparia ou não. (Êxo. 33:1-10.) Moisés deixou-os acurruhados e retornou ao monte para receber de Deus a decisão final quanto à punição deles. (Êxo. 32:17-23; 33:5-9.)

Os israelitas aguardavam angustiados por saber qual seria sua sentença. Quando viram Moisés aproximar-se (Êxo. 34:20-35), notaram duas coisas: Trazia ele a duplicata das tábuas da lei, o que lhes dava a esperança de estar Deus a propiciar-lhes outra oportunidade. Mas sua face brilhava com brilho sobrenatural, tal como tinham visto na coluna de fogo, o que bem poderia significar que de alguma maneira sua aproximação traria a morte. Esta a razão do terror deles, e até mesmo de Arão. A presença de Moisés era-lhes um “ministério de condenação.” E ele foi maravilhosamente glorioso.

Amoravelmente Moisés reassegurou ao povo que a glória significava que ele havia sido admitido à presença de Deus como representante deles, e isto era um sinal de que Deus lhes dava (em substituição ao velho concerto, que haviam quebrado, e fôra, portanto, abrogado) Seu novo concerto de graça. Como sinal de pesar pelo seu erro, Moisés cobriu a face e convocou uma assembléa pública. Suas primeiras palavras foram para anunciar a eles, que se tinham declarado povo do bezerro de ouro do Egito, a restauração do sábado (Êxo. 35:1-3),

que é o selo da lei, o sinal de santificação (Ezeq. 20:12 e 20).

Esse foi o selo da restauração do favor de Deus ao povo. Então Moisés reptou o povo a que, em sinal de gratidão pelo perdão divino, contribuíssem para a edificação do tabernáculo, no qual o próprio Deus estaria presente para habitar com eles. Não surpreende que o povo, em sua libertação, desse mais do que o necessário. Êxo. 35:20-29; 36:5-7). Assim, “o ministério da morte” que fôra tão glorioso que brilhava na face de Moisés, refletindo a associação que tivera com Deus no monte, fôra substituído pelo muito mais glorioso ministério da justiça, em que Deus habitava visivelmente entre eles no tabernáculo, sendo eles Seu povo perdoado e restaurado.

Paulo usa este histórico para explicar sua relação para com os coríntios. Sua primeira epístola era o “ministério da morte”, o “ministério da condenação.” Ele lhes havia demonstrado a violação do sétimo, oitavo e nono mandamentos; tinham violado a lei toda; estavam sob a sentença de morte eterna. (I Cor. 5:13; 16:22.) Este “ministério da morte”, diz Paulo que era glorioso porque tinha sido feito no poder do Espírito Santo; e como porta-voz de Deus, suas palavras tinham o poder divino. Mas Paulo diz em II Cor. 3:8-11, que assim como Moisés havia feito algo mais glorioso do que a ministração do “ministério da morte” (a restauração do povo no favor e perdão divinos), ele igualmente estivera fazendo algo mais glorioso do que condenar os coríntios pela lei de Deus — estivera a apontar-lhes Jesus Cristo que poderia, pelo Espírito Santo, dar-lhes Sua própria justiça, Sua capacidade perfeita para guardarem a lei. (Vs. 1 e 18).

Que têm que ver com isto os dez mandamentos? Foi a lei de Deus, escrita em tábuas de pedra e conservada na arca coberta pela visível presença de Deus, que foi abolida? Não o foi nos dias de Moisés; muito menos nos dias de Paulo. O “ministério da morte” — a administração da sentença de morte pela violação da lei — é que foi abolido, revogado, substituído pelo perdão e restauração. O “ministério da justiça” toma o lugar do “ministério da condenação.” Mas não poderia haver nem condenação nem justiça se não houvesse a lei de Deus. Se a lei houvesse sido abolida na cruz, Paulo não teria condenado os coríntios pela sua transgressão. Se nos dias de Paulo não existisse a lei, não teria ele oferecido aos coríntios a justiça, uma vez que não há maneira de reconhecer-se o direito e o erro senão pela lei. Assim, ao dizer Paulo aos coríntios que era mais glorioso falar-lhes a respeito de como poderiam alcançar a justiça pelo Espírito Santo de Cristo do que apontar-lhes seus pecados, estava estabelecendo a lei e tornando sua obrigação mais forte que nunca dantes. (Rom. 3:31.)

Expição pelo Pecado

Por que foi necessário morrer Cristo pelos pecados do mundo, e que efeito teria produzido no plano da salvação, se Ele não tivesse morrido como morreu, mas de morte natural, como Moisés, ou não morrido, como Elias?

A penalidade da transgressão é a morte, que teria sido eterna, não houvesse Cristo dado a Sua vida pela do homem. Gên. 2:17; Rom. 6:23. Constava do plano divino que a redenção do homem

Desse efetuado mediante a morte de Seu Filho, pois Cristo foi "o Cordeiro morto desde a fundação do mundo." Apoc. 13:8. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito". E o Filho amou de tal maneira que deu a Sua vida pelo homem. S. João 3:16; 10:17 e 18.

Para dar esperança ao homem caído e fazer-lhe compreender o preço de sua redenção, o Senhor lhe deu, logo após o pecado, o sistema sacrificial. Pela oferta de sacrifícios poderia vir o homem a compreender que a penalidade da morte que sobre a deveria ter caído, foi infligida a seu substituto, e manifestar, assim, sua crença no sacrifício que o Filho de Deus por ele faria, bem como a aceitação desse sacrifício. O cordeiro sacrificado por Abel (Gên. 4:4 e Heb. 11:4) era o tipo do "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo." S. João 1:29. O profeta viu-O como um Cordeiro, sendo "levado ao matadouro." Isa. 53:7.

O ponto vital do plano da salvação é o sangue expiator. "Sem derramamento de sangue não há remissão." Heb. 9:22; Efés. 1:7; Col. 1:4. A Moisés Deus declarou o significado do sangue sacrificial: "Porque a alma da carne está no sangue; pelo que não tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas." Lev. 17:11. O sangue do cordeiro pascal e de outros animais sacrificados, não tinha em si mesmo poder para purificar do pecado, mas era o tipo do sangue expiatório de Cristo, o qual purifica. Heb. 9:12-14; I S. João 1:7. O sangue de Cristo era a Sua vida, que Ele deu para salvar do pecado o homem. O sangue sobre o altar expiava o pecado, o sangue tinha de ser derramado; o animal não podia permanecer vivo, nem morrer de morte natural. Além disto, o tipo requeria para o sacrifício um animal sem mancha. Cristo, em Seu sacrifício, preencheu todos esses requisitos. Creemos, portanto, que por nenhuma outra maneira que não pelo derramamento de Seu sangue poderia Jesus fazer expiação pelo pecado do mundo.

cendo aquele que realmente o definia: ministro do Evangelho.

Não devemos fugir de maiores responsabilidades, quando convidados a arcá-las. Ingressemos nelas, seja na direção de um colégio, na presidência de um campo ou outro ramo da Obra, com a honrada altivez de ministro; e, findo o prazo, se não nos fôr pedido que continuemos, deixemo-las com os mesmos sentimentos com que entrámos. E em assim fazendo, e sinceramente sentindo, estaremos honrando o MINISTÉRIO, ao qual para todos os efeitos pertencemos.

ORLANDO G. DE PINHO

Pregadores Joviais

É UM pregador demasiado sério, taciturno, de maior honra para a causa de Deus do que um ministro jovial? Há certamente um feliz meio termo a que nos devemos ater.

Como porta-vozes de Deus, não nos faria bem estudar de tempos a tempos nossa expressão facial para estarmos seguros de que nos sentimos alegres ao levar as boas-novas de salvação? A alegria deveria irradiar de nossa face bem como de nossa vida. As vezes temos observado pregadores levantarem-se e dizerem: "Sinto-me alegre por ver-vos aqui esta noite," enquanto sua expressão facial está séria, quase melancólica. Tais boas-vindas dificilmente partem do coração!

Algumas vezes os que foram alegres, irradiando esperança nos primeiros tempos de seu ministério tornaram-se inconscientemente mais sóbrios, quase ao ponto de levar o auditório a se interrogar se há de fato verdadeiro gozo em ser ministro do Senhor. Falta fé simples e genuína em nossa própria vida? Talvez nos estejamos tornando super-ansiosos acerca do trabalho ou de nosso bom êxito pessoal na causa. Se assim é, precisamos desenvolver de novo firme fé nas promessas de Deus, o que, afinal de contas, é a melhor espécie de teologia.

Pode estar bem imbuirmo-nos do espírito de nossa juventude, participar de suas aspirações e otimismo, também observar em silêncio os juvenis, notando como se empenham em tôdas as atividades da vida, alegremente e de coração. Procuramos a melhor expressão quando nos assentamos diante de uma câmara fotográfica para tirar uma fotografia, e não é o mundo todo uma câmara fotográfica? O povo está de contínuo tirando-nos fotografias mentais e retendo-as no espírito.

Acima de tudo, se o coração está em forma, a face também o estará. Os santos não têm necessidade do halo imaginário que os artistas pintam em seus quadros. Mas se possuem um cântico no coração, terão sobre a cabeça o que mais se aproxime de um halo. Sejamos pregadores joviais.

B. C.

Os Nativos das Ilhas Gilbert

Os nativos das ilhas Gilbert, no Pacífico, ao sul de Havaí, têm um provérbio, que diz: "Branda é a voz de um chefe." Isto significa, em geral, diz Sir Artur Grimble, que serviu longo tempo ali como comissário britânico, que a gentileza e a cortesia podem andar de mãos dadas com o poder. É o que cada presidente deve sempre lembrar. A força deverá expressar com gentileza. — Curtis Courier.

De Coração a Coração

A Maior Aspiração

(Continuação da página 4)

toda a vida, e mesmo depois de morto, será citado como Fulano de Tal, ministro do Evangelho. Apenas a negação do Mestre, a conduta incompatível com suas funções, o alijarão do pedestal de ministro do Evangelho. Isto sim, é desonra, aviltamento, derrota; vilipêndio! Mil vezes a morte a pecar como ministro, a ponto de merecer o caçamento da credencial!

Ora, alguém poderá sugerir: "Mas então os cargos de chefe de departamento, gerente, diretor de colégio, presidente de Associação, União, Divisão ou Associação Geral, não são superiores aos de ministro do Evangelho? Absolutamente não! Um presidente de campo é apenas um ministro em função de um cargo, para o qual foi eleito por determinado tempo. Na presidência ele não é mais do que ministro. O cargo em comissão para o qual foi eleito é apenas uma fase de sua carreira ministerial. E tanto é assim que, terminado o período para o qual foi eleito, apenas perde o título transitório, permane-



NOTAS E NOTÍCIAS

O Curso de Leitura Ministerial

VOTADO, aprovar o seguinte plano para o Curso de Leitura Ministerial de 1954:

1. A volta, do sistema de Clube do Livro Ministerial, para o plano de Curso de Leitura anual, de quatro ou cinco livros.

2. A adoção do auxílio uniforme de metade do custo dos livros, a ser concedido somente quando for encomendado o curso completo.

3. Se o obreiro inscrito no Curso de Leitura possui alguns dos livros, poderá pedir da organização empregadora o pagamento de metade da despesa efetuada, caso ainda não tenha recebido auxílio nessa compra.

4. Os obreiros que recebem credenciais de Ministro, Ministro licenciado, Missionário, Instrutor Bíblico, Instrutor Bíblico licenciado (com exceção dos professores primários, a menos que sejam anciãos da mesma igreja) na Divisão, União, Associação ou Missão, bem como os obreiros de instituições, possuidores das credenciais mencionadas, estão habilitados para participar deste plano.

5. Os obreiros das línguas espanhola e portuguesa também estarão habilitados para receber o auxílio de metade do que lhes custar a compra dos livros do curso em inglês, se, na opinião dos oficiais da organização empregadora, o obreiro possuir suficiente conhecimento da língua inglesa para tirar proveito do curso.

6. Antes de o tesoureiro da organização empregadora conceder os 50 por cento de redução no preço, deverá haver recebido, da Associação Ministerial, informação de que o obreiro em questão já está inscrito no Curso de Leitura Ministerial desse ano.

O Tempo

ONDE se gasta o tempo? Uma classe de psicologia da Universidade de Wisconsin tem estudo formado a respeito. Calculam eles que os homens de 70 anos em média gastam 20 anos trabalhando, 20 anos dormindo, 7 anos em esportes ao ar livre, 7 anos no cinema e outros divertimentos, 5 anos barbeando e vestindo-se, 5 anos esperando pela chegada de alguém, 2½ anos fumando e mascarando goma, 2 anos jogando cartas e outros jogos e um ano ao telefone. — *Executive's Digest*.

Zêlo Religioso

A Sociedade Puritana inglesa, que tem por missão vigiar para que seja respeitado o "dia do Senhor", mandou à Câmara dos Comuns um protesto, porque o duque de Edimburgo, marido da rainha, ousou jogar polo num domingo à tarde.

A Controvérsia

A CONTROVERSIA é, raramente, um meio de persuasão. Contradizer uma opinião equivale muitas vezes a fortificá-la. As idéias de um adversário se modificam quando levado a convencer-se a si próprio por uma série de reflexões, que germinam lentamente em seu subconsciente. — *Gustavo Le Bon*.

Os Papas e a Pobreza

EM geral, nas antigas moedas cunhadas pelos papas, estes faziam questão de gravar inscrições que recordassem aos ricos o uso que devem fazer do dinheiro.

Assim, nas moedas de Inocêncio II lia-se: "Uti detur" (para ser dada), de Benedito XIII: "Solatium miseris" (para alívio dos pobres); de Clemente X: "Quis pauper? Avarus" (Quem é o pobre? O avaro); de Inocêncio XI: "Quod habeo tibi" (o que tenho, dou-te); de Clemente XIII: "Ne obliviscaris pauperum" (Não te esqueças dos pobres).

ILUSTRAÇÕES

(Continuação da pág. 3)

de nos salvar e de nos perder. Os ídolos que vós adorais são feitos de barro, não têm a faculdade de ver nem ouvir, e por esse motivo não podem fazer nem bem nem mal algum.

O idólatra, porém, se conservava surdo a essas verdades.

Um dia saiu ele para o campo. O menino aproveitou-se desta ausência para quebrar todos os seus ídolos, excetuando o maior, em cujas mãos depôs um grosso e nodoso cajado.

Quando voltou o pagão, ardendo em colera, bradou, enfurecido:

— Quem foi o autor de uma ação tão infame?

— Como! lhe diz o menino, não acreditaís que o vosso ídolo maior tenha quebrado por suas mãos os outros, que não muito menores do que ele?

— Não, replicou-lhe o pagão, encolerizado — não o creio, porque nunca o vi fazer um unico movimento. Foste tu, invejoso, que quebraste os meus deuses, e com este cajado vou punir a tua perversidade.

— Acalmai-vos, atalhou o menino com doçura — se não concedeis ao vosso ídolo o poder de fazer aquilo que eu, sendo uma simples criança, acabo de fazer, como poderá ele ser tão poderoso que tenha criado o Céu e a Terra?

O pagão emudeceu a estas palavras; refletiu um instante, e por último, quebrou o ídolo que lhe restava, e, prostrando-se por terra, adorou pela primeira vez o verdadeiro Deus.